

PENTAGRAMA

INTRODUÇÃO

Enquanto substância viva, Deus é um.

Enquanto vida e substância, Deus é dois.

Ele-Ela, Pai-Mãe. Ele é a vida, Ela é a substância.

Ele, Espírito; Ela, substância eterna, natureza, substância primordial, espírito e natureza.

A substância primordial não é a matéria terrestre, mas a matéria de construção cósmica, incalculavelmente mais leve. O Espírito é o *agente mágico* que dá movimento e crescimento a tudo que vive. O buscador perseverante descobre isso em dado momento, tanto no cosmo como no microcosmo, o homem. "Assim como é em cima, assim é embaixo."

Neste número, a revista Pentagrama oferece ao leitor algumas considerações sobre o papel do homem na eterna interação entre *espírito e natureza*.

É algo único e extraordinário o fato de o homem que se tornou uma nova criatura poder refazer a união harmoniosa dos dois graças à nova alma que, de novo, se tornou vivente. Desse modo ele se torna aquele que testifica da *trindade*: o Filho, Cristo-em-nós.

SUMÁRIO

- 2 AS ÁGUAS DO NÃO-SER
- 10 O JOVEM DA CICATRIZ
- 13 CHIDR, O VERDE
- 18 O SONHO DA IMORTALIDADE
- 24 O GRITO, A PONTE E O ESPÍRITO
- 27 QUANDO NÚMEROS E FIGURAS JÁ NÃO FOREM...
- 34 O SEGREDO DO GRANDE TAMBOR

ANO 29 NÚMERO 1
FEVEREIRO 2007

Capa

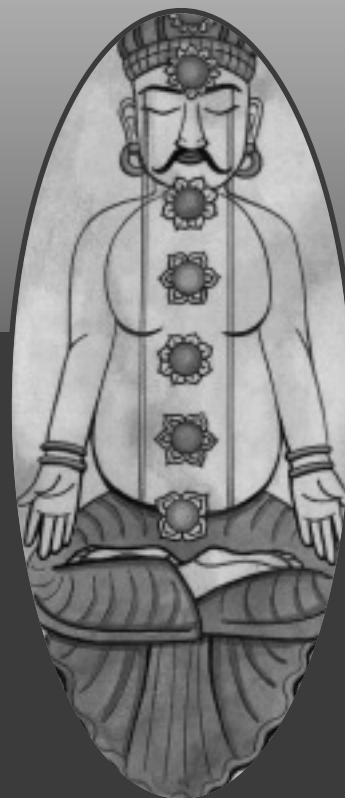
A deusa grega Ártemis.
Detalhe dos frisos do leste
do Partenon (Péricles,
447-432 a.C.) em Atenas

AS ÁGUAS DO NÃO-SER

É possível vivenciar e descrever
uma revelação do Espírito?

De que forma o Espírito nos fala?

Em todas as épocas e culturas os homens
tentaram aproximar-se do Espírito, penetrá-lo,
tornar a consciência receptiva à sua luz.



No *Matsya Purana*, antigo texto hindu, está escrito: “Se pelo menos pudéssemos compreender o que diz a divindade verdadeiramente! E quem não gostaria de conhecê-la?”¹

Pelo fato de o Espírito ser incognoscível, a consciência não pode penetrá-lo nem pelo intelecto nem pela razão. Os antigos rishis hinduístas escolheram os mitos e as lendas a fim de tornar o Espírito mais familiar aos crentes por meio de imagens. Ainda hoje esses contos podem abrir nossa compreensão. Suas mensagens não se dirigem ao poder intelectual, mas à intuição do coração, intuição que se torna cada vez mais importante em nossos dias. A consciência das células se expressa através do coração. É plausível que o desejo original do divino seja uma “lembrança” que, por meio das células corporais, surja no coração sob a forma de chamado. Muitas dessas lendas podem ser encontradas nos *Puranas*, ensinamentos hinduístas que transmitem, entre outras coisas, os mitos sobre a origem e o fim do

mundo, assim como prescrições rituais. Atualmente, os *Puranas* são tão considerados quanto os *Vedas*, e foram traduzidos do sânscrito para o inglês sob a égide da UNESCO. Eles podem também ser encontrados em francês. Quatrocentos anos antes de Cristo já se fazia menção aos *Puranas*.² Um dos mais belos desses mitos encontra-se no *Matsya Purana*, que trata de uma revelação do Espírito supremo ao sábio Markandeya. Eis aqui um resumo.

O MITO DE MARKANDEYA

No final de uma era, de um dia de Brahma, “quando a sociedade chega a uma condição em que o único prestígio é a riqueza, a única virtude são as posses, o único laço entre o homem e a mulher é a paixão, a única alegria é o amor carnal, e em que a confusão exterior e a fé interior são atiradas no mesmo tacho [...] então estamos no Kali Yuga. Esta é a imagem do mundo nos dias atuais. Os velhos querem parecer jovens; aos jo-



À esquerda: Os sete chacras numa ilustração do Sul da Índia.
Acima: Reprodução contemporânea do nascimento de Markandeya ³

vens falta abertura; mestres, comerciantes e servidores se comprazem em enganar e se isolam na mediocridade; o desejo de coisas superiores desaparece, e reina o egocentrismo”.⁴

Quando esses males atingem a humanidade, já não há possibilidade de libertação, e o Universo está maduro para sua desintegração. A substância divina de Vishnu, a divindade suprema, absorve uma vez mais o cosmo, que se tornou um caos estéril: homens, animais, plantas, Universo, sistemas solares, planetas. Ele dissolve o conjunto de criaturas, das entidades divinas aos seres vivos e até as pedras: tudo funde em seu ser soberano. O excesso de calor e o excesso de água se alternam; o que outrora nutria agora destrói.

Vishnu cega o sol e todas as criaturas. A

terra se resseca, as águas terrestres desaparecem, assim como as águas divinas.

Vishnu se transforma em vento. Ele priva do ar vivificante o conjunto de criaturas.

Vishnu se transforma em fogo. Ele acende um gigantesco incêndio mundial.

Vishnu se transforma em nuvens. Uma chuva que cai pura e doce como o leite extingue o incêndio.

E os mundos se dissolvem no Nirvana, a Terra retorna ao oceano original, os elementos se fundem numa massa fluida, indivisível. A lua e as estrelas se apagam. Nada mais resta que o oceano primordial infinito.

Vishnu adormece. Sozinho, solitário, ele forma um imenso leito sobre o oceano primordial, metade imerso, metade flutuando sobre as ondas, ele, só, meio adormecido, desprovido de todo o conhecimento.

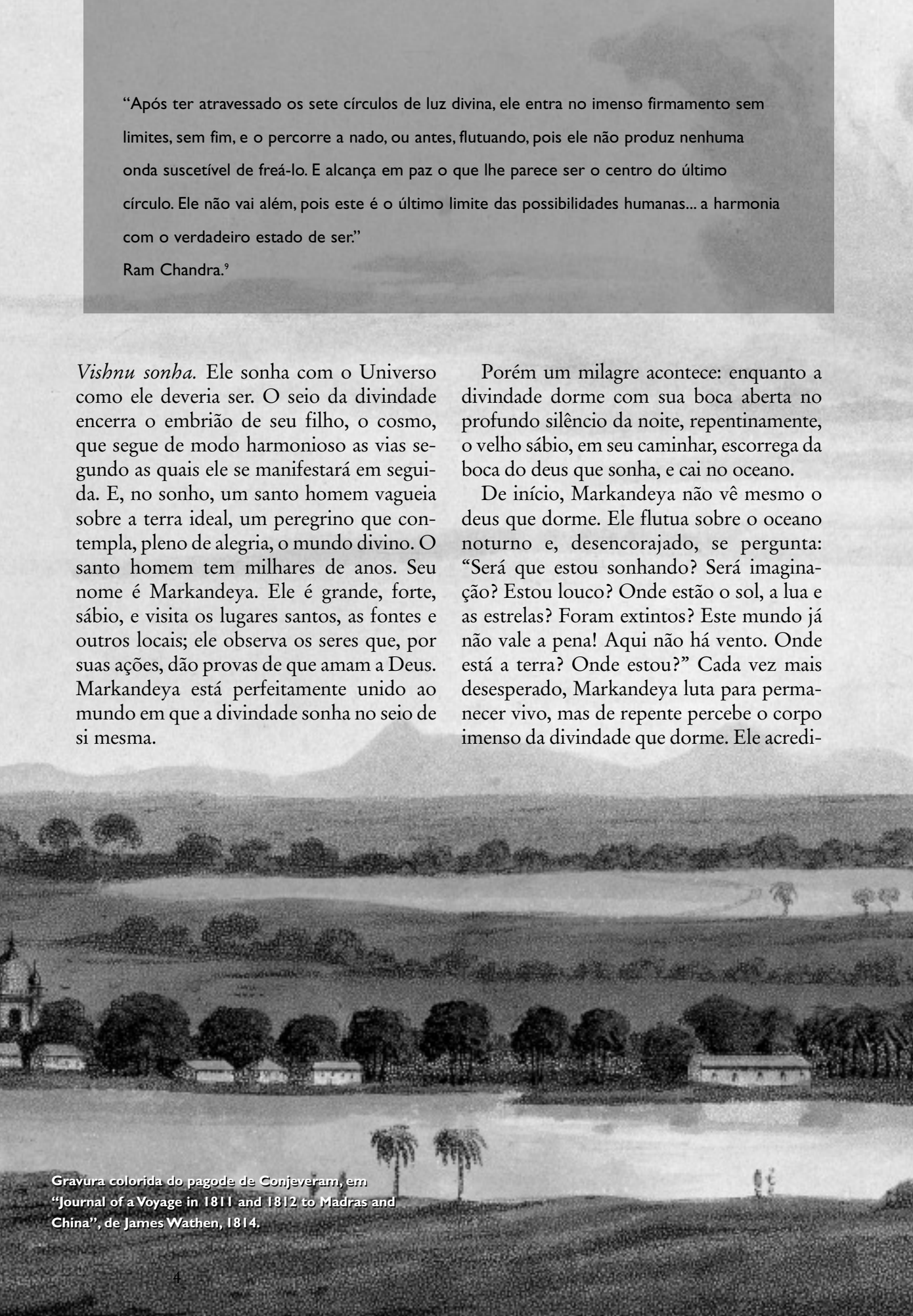
“Após ter atravessado os sete círculos de luz divina, ele entra no imenso firmamento sem limites, sem fim, e o percorre a nado, ou antes, flutuando, pois ele não produz nenhuma onda suscetível de freá-lo. E alcança em paz o que lhe parece ser o centro do último círculo. Ele não vai além, pois este é o último limite das possibilidades humanas... a harmonia com o verdadeiro estado de ser.”

Ram Chandra.⁹

Vishnu sonha. Ele sonha com o Universo como ele deveria ser. O seio da divindade encerra o embrião de seu filho, o cosmo, que segue de modo harmonioso as vias segundo as quais ele se manifestará em seguida. E, no sonho, um santo homem vagueia sobre a terra ideal, um peregrino que contempla, pleno de alegria, o mundo divino. O santo homem tem milhares de anos. Seu nome é Markandeya. Ele é grande, forte, sábio, e visita os lugares santos, as fontes e outros locais; ele observa os seres que, por suas ações, dão provas de que amam a Deus. Markandeya está perfeitamente unido ao mundo em que a divindade sonha no seio de si mesma.

Porém um milagre acontece: enquanto a divindade dorme com sua boca aberta no profundo silêncio da noite, repentinamente, o velho sábio, em seu caminhar, escorrega da boca do deus que sonha, e cai no oceano.

De início, Markandeya não vê mesmo o deus que dorme. Ele flutua sobre o oceano noturno e, desencorajado, se pergunta: “Será que estou sonhando? Será imaginação? Estou louco? Onde estão o sol, a lua e as estrelas? Foram extintos? Este mundo já não vale a pena! Aqui não há vento. Onde está a terra? Onde estou?” Cada vez mais desesperado, Markandeya luta para permanecer vivo, mas de repente percebe o corpo imenso da divindade que dorme. Ele credi-



Gravura colorida do pagode de Conjeveram, em “Journal of a Voyage in 1811 and 1812 to Madras and China”, de James Wathen, 1814.

O cisne sublime não conhece frio nem calor, nem dor nem prazer, nem honra nem desonra. Ele ultrapassou as seis ondas – fome, sede, pesar, ilusão, declínio e morte – ao renunciar à crítica, ao orgulho, ao ciúme, à cólera, à cupidez, à exaltação, à inveja e ao egoísmo. Uma vez que o declínio do corpo provoca dúvida e falta de inteligência, ele considera seu corpo inanimado, estado esse que se torna, então, o seu. “Eu sou a consciência pacífica, simples, imutável, o Espírito [...] Graças ao conhecimento da ligação do Espírito e do eu superior, o Espírito faz suas diferenças desaparecer. É aqui que desponta a aurora da verdadeira Gnosis” (*Paramahansa Upanishad*).¹⁰

ta tratar-se de uma cadeia de montanhas que se elevam da água. “Sim, eu a vejo cada vez melhor, esta montanha emite uma luz brilhante, maravilhosa!” O santo nada em direção da montanha para melhor contemplá-la, e, em seguida, uma mão gigantesca o agarra e o leva à boca do deus, que o engole.

Por não lhe restar mais nada a fazer, Markandeya continua seu caminho e nele observa os exercícios sagrados dos iogues e dos ascetas, rejubila com a sabedoria dos brâmanes, surpreende-se com a sabedoria da arte de governar dos reis e penetra cada vez mais no mundo do sonho divino. Durante centenas de anos ele cruza o mundo tal como ele deveria ser e com o qual a

divindade sonha.

Contudo, eis que um dia ele cai novamente da boca do deus num mar negro como tinta. Num imenso e terrível silêncio, ele flutua ao acaso até o momento em que percebe uma ilha. Ali, sob uma figueira, uma criança está adormecida. Mas que criança! Dela, de seu ser mais profundo, emana uma radiação. Em sua admiração, Markandeya esquece de nadar e quase se afoga nas ondas negras. Então, ele começa a nadar mais rápido, sem deixar de examinar a ilha, e vê que a criança radiante brinca livre, espontânea, no meio do espaço terrificante, imenso, infinito. Um brilho sobrenatural irradia dela.

O ancião a observa timidamente enquan-



Diz-se que Markandeya foi o último sobrevivente dos sábios, ao final de um “Dia de Brahma” anterior ao nosso, quando tudo mergulhou no não-ser. Ele estudou os Vedas e observou atentamente suas regras. Foi um homem bom que permaneceu celibatário toda sua vida. Serviu à Divindade suprema durante milhões de anos, saindo-se, assim, vitorioso sobre a morte, ao contrário dos outros. São suas estas palavras: “O homem é o artesão de seu próprio destino. Comprova-se que os atos praticados em vidas anteriores têm suas conseqüências na vida atual. A alma renasce carregada de carma. A virtude e as ações puras lhe permitem alcançar o estado celeste. Contudo, em razão da ação do bem e do mal, ele permanece humano [...] Eis por que é preciso praticar a virtude e renunciar ao que não é correto”.

O *Markandeya Purana*, a parte do *Mahabharata* atribuída a Markandeya, relata como a deusa Chandi (força e poder) aniquila os demônios Shumba (o orgulho) e Nishumba (confusão). Chandi penetra o cosmo inteiro, ela é a guardiã e protetora do darma, a ordem cósmica. Por sua “força e poder” ela aniquila a negação e o desregramento, e restabelece o equilíbrio indispensável para se chegar à perfeição. Alternadamente, ela cria, mantém e destrói. Quando as relações cósmicas são ameaçadas, ela se manifesta sob diversas formas para proteger o Universo. Extraído de Georg Feuerstein: *Yogaleheren*. East West Publ. 2000.



À esquerda: Índia moderna, escultura em madeira do salvamento de Markandeya por Shiva.

À direita: Visita de um rajá a uma ermida do “Madhandeya Purana”, Escola Guler Pahari, 1756. Guaxe e tinta sobre papel, Victoria & Albert Museum, Londres, Inglaterra.

to abre caminho através da água. “Eu já vi esta cena... mas onde? Quando?” De repente, ele se dá conta da profundidade insondável do oceano, e o pânico o invade, porém ele ouve uma voz ribombar como um trovão à distância: “Bem-vindo, Markandeya!” É a criança que lhe fala: “Não temas, aproxima-te, meu filho!”

Desde que nasceu, jamais alguém se dirigira a ele chamando-o diretamente por seu prenome. Que falta de respeito! Markandeya se esquece de nadar mais uma vez, e, quando já estava quase se afogando, prossegue, irritado: “Quem me falta assim com o respeito? Quem acha que pode ter tal intimidade comigo, eu, que tenho mais de mil anos? Não estou acostumado a ser tratado assim. Mesmo os mais elevados deuses me respeitam e me chamam ‘o ser de vida longa’. Quem arrisca a vida e procura a morte

हेतुश्चागमनेवकः १६ सशोकश्चकस्त्राह्नुर्मनाइवल्लस्यसे श्याकर्यवचस्तस्यभूपतेःप्रणयो
दितं ७ प्रत्युवाचसतंवेश्यः
वाच समाधिर्नामवेश्ये
पुत्रेदीरैर्निरस्तश्चधनलोभाद्
त्रैराशयिमेधनं १६ वनमभ्या
सोहनवेशिपुत्राणां कुशलाकु
नांचराणां वाचसंस्थितः किं
षतं २१ कथंते किंनुसहता
च येनिरस्तोभवांलुथैः पुत्रदारादिभिर्दुनैः तेषु किंभरतः स्वेहमनुवधातिमानसं
एवमेतद्यथाप्राह भवानस्मिन्तंवरः किं करोमिनवधातिममनिशुरतांमनः येः संत्यज्यपितृस्वेहंधन



प्रश्रयावनतोन्पं वैश्यउ
हसुत्यत्रोधनिनांकुले १८
साधुभिः विहीनश्चधनेदीरैःपु
गतोदुःखीनिरस्तश्चाप्रबंधुभिः
शलात्मिकां २ प्रवृत्तिस्वजना
नुतेवांगदेक्षेममक्षेमं किंनुसा
दुर्वृत्ता किंनुमेसुताः राजोवा

chamando-me desse modo?”
A criança divina conserva sua calma e diz: “Meu filho, sou teu pai, teu avô, todos os teus ancestrais, a origem que dirige toda a vida. Vem até mim. Conheci bem o teu pai e há muito tempo dei-lhe um filho de força vital inesgotável. Teu pai conhecia o fundamento secreto da existência, dele saíste, e por isso tens o poder de me ver repousando sobre o grande oceano e brincando como uma criancinha debaixo desta árvore”.
Então os olhos de Markandeya se abrem à semelhança de flores que desabrocham. Ele parece querer inclinar-se enquanto continua a nadar: “Senhor do Universo, com que nome és chamado?”
“Eu sou o começo, o primeiro ser, a fonte de tudo. Eu sou o fogo sagrado, os ciclos do tempo, o malabarista do mundo, o mago de estratégias maravilhosos. O desdobramento do Universo é minha criação. E eu sou o fim, a forte corrente, o turbilhão destruidor que aspira finalmente tudo o que se manifestou. Neste caso meu nome é: morte

do Universo”.
Em seguida, a criança recomeça: “Eu sou a sagrada ordem, a luz do céu, do vento e da terra, o espaço que se estende em todas as direções. Eu sou o ser da origem e o último recurso. De mim provém o que foi, o que é e o que será. Eu vivo em tudo o que vês no Universo. Eu vejo além das metas da vida humana: a satisfação dos sentidos, o esforço por prosperidade e cumprimento dos deveres sagrados, mas considero-os metas apropriadas para a existência terrestre. Continua alegremente a percorrer o Universo em meu corpo. Nele se encontram os deuses e os santos profetas”. E, num movimento rápido, o Ser da origem faz novamente o santo deslizar em sua boca e o engole.
Desta vez, o coração de Markandeya está tão pleno de beatitude que ele pára de lutar e busca por um abrigo secreto. Ali, ele permanece em silêncio e é penetrado pelo canto dos imortais gansos selvagens, que a princípio é difícil de ser ouvido, detectado, mas que é penetrante melodia da inspiração e expiração divinas. E Markandeya ouve o

alento da divindade: “Eu me revisto de muitas formas... e quando o sol e as estrelas tiverem desaparecido, eu nadarei lentamente sobre as águas vertidas até o infinito... Eu sou o Senhor... Eu gero o Universo e vivo no ciclo dos tempos até que os desintegro”.⁵

VISHNU

Na tradição hindu, Vishnu é o mantenedor do Universo. “Trata-se do deus que faz emanar de si os mundos com todas as suas entidades, e que aí perpetua a vida por um certo tempo até sua desintegração”.⁶

Esse deus se manifesta a Markandeya de maneira especial. De início, o santo vagueia no sonho da divindade. Ele está no Espírito divino, mas seu estado se assemelha ao sono: ele não tem consciência de si mesmo. Ele mergulha completamente no sonho do deus, está completamente familiarizado com ele e segue seu caminho da justa maneira. Entretanto, essa condição não pode perdurar. A boca do deus é o símbolo de seu órgão criador: o deus fala e isso “é”. Na lenda, Markandeya cai da boca de Vishnu para dentro das grandes águas – o mar da substância primordial.

O CAMINHO DA CONSCIÊNCIA

Então, Markandeya, virgem, embora inconsciente, deve, portanto, encarnar na substância a fim de adquirir consciência. Essa criatura não encarnada no Espírito não manifestado (o sonho de Vishnu) é vomitada, poder-se-ia dizer, no oceano do “não-ser” espiritual. Essa primeira experiência estimula a consciência latente de Markandeya. Ele é tomado de angústia e perturbação e aflige-se desesperadamente na água negra. Ele se sente separado do divino e percebe o perigo do oceano cósmico. Embora se aproxime do deus, ele não vê senão uma montanha gigantesca que tudo domina. Mas, sem a compreensão justa, eis que novamente é absorvido por Vishnu, e mais uma vez par-

tilha o sonho com ele. Contudo, essa primeira experiência nas águas da substância primordial é o germe de sua consciência ulterior e a possibilidade de sua lembrança de uma outra realidade.

A CRIANÇA RADIANTE

Quando, éons mais tarde, Markandeya cai novamente da boca de Vishnu, ele não luta, ele nada. E quando vê a radiante criança divina, vem-lhe a lembrança da luz do Espírito. É após essa segunda experiência que Markandeya começa a compreender a situação, enquanto percebe a profundidade do oceano original. Ele se torna consciente de si mesmo! Quando a criança lhe dirige a palavra, ele fica descontente, pois acha que já compreendeu muitas coisas, ao passo que a criança o trata... como uma criança! Markandeya é diretamente interpelado por Vishnu, o Espírito universal que se apresenta sob a forma de criança divina. No entanto ele o ouve, e, nesse instante, sua visão interior se abre. Doravante, ele se encontra amadurecido para entender “a palavra”, a manifestação do Espírito, e torna-se silencioso.

“O Universo em movimento move-se em mim, que jamais me movo. No fim de um ciclo, a criatura se dissolve em minha substância primordial, e, então, a natureza entra em repouso”.⁷

A UNIÃO COM O ESPÍRITO

Markandeya entra, então, no mundo divino. Ele permanece no sonho da divindade, silencioso, num lugar secreto e protegido do mundo, assim como deve ser. Por fim, ele ouve o chamado do ganso selvagem, o alento de tudo o que existe. Ele progrediu de tal maneira que pode ouvir incessantemente esse chamado. Em muitos países o ganso e o cisne selvagens são símbolos bastante conhecidos que representam o Espírito que penetra todos os mundos e inspiram

Veda significa, literalmente, “conhecimento divino”. Há quatro Vedas: o Rígyveda, o Ajourveda, o Samaveda e o Atharvaveda. Eles são compostos de uma parte externa e de uma parte interna. A primeira, *karma-kanda*, “a parte das obras”, a segunda, *inana-kanda*, “a parte da sabedoria”. Os Vedas são obra de numerosos autores, mas supõe-se que foram reunidos e ordenados em sua forma atual por Vedavyasa, suposto filho de um *rishi*. A origem dos Vedas é bastante antiga e remonta a milhões de anos antes da civilização ocidental. Os *pandits* (sábios) asseguram que eles foram transmitidos oralmente durante todo esse tempo e que Vedavyasa finalmente os agrupou para formar um ensinamento enquanto se encontrava às margens do lago sagrado de Manasasarovara, atrás do Himalaia, no atual Tibete.

os sábios que se tornaram conscientes. Pelo fato de Markandeya ouvir o chamado e sentir o alento de tudo o que existe, ele se torna consciente de si mesmo e do Espírito, e logo sua fusão com Vishnu se torna perfeita.

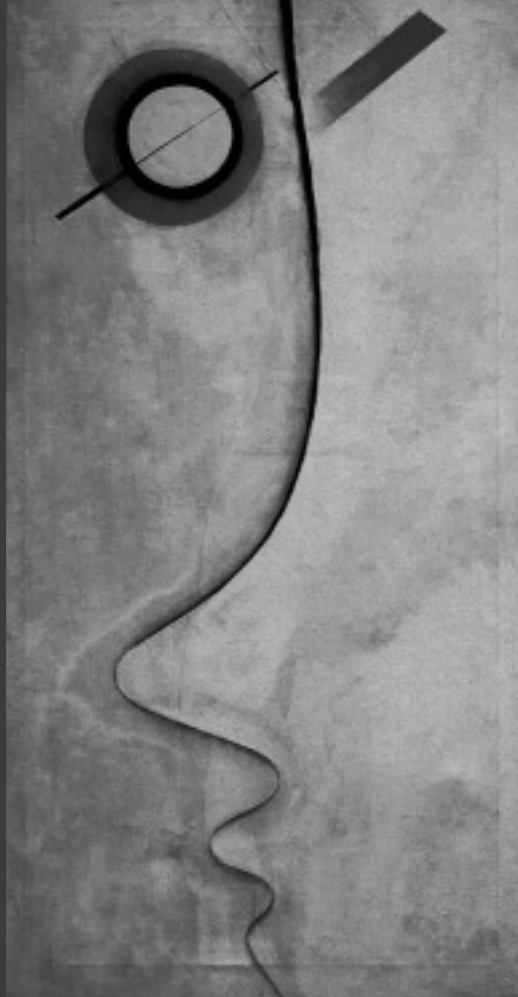
“Em Vishnu penetram aqueles cuja consciência rejeita todo pecado, e, após terem nele ingressado, já não reencarnam”.⁸

FONTES

- 1 Hohenberger, A., *Die Indische Flutsage und das Matsyapurana*, 1930, Leipzig.
- 2 Id.
- 3 Zimmer, H. *Mitos e Símbolos na Arte e Civilização da Índia*. São Paulo: Palas Athena, 1989
- 4 Id.
- 5 Ibid.
- 6 Springmann, T. , *Bhagavad Gita, Der Gesang des Erhabenen*, Gelnhausen, 1962.
- 7 Ibid.
- 8 A. Hohenberger, *ibid.*
- 9 Schleberger, E. *Die Indische Götterwelt*. Munique: 1986.
- 10 A. Hohenberger, *ibid.*



Krishna dançando sobre a serpente Kaliya, que ele vencera. Escultura em bronze do século 19, Índia.



“Nos tempos antigos, não existia a guerra. A paz reinava entre os povos. Havia um homem que tinha uma filha muito bela.”

Assim começa um conto dos índios Pés-negros de Montana (Estados Unidos da América) e de Alberta, no Canadá.

Os mais valorosos jovens queriam desposar a donzela, mas ela recusava todos os pedidos de casamento. Quando por fim seus pais decidiram casá-la, ela confiou-lhes seu segredo:

“É preciso que agora eu vos diga a verdade. O sol me disse: Não cases com nenhum desses homens, pois tu me pertences. Se confiares em mim,

viverás por muito tempo e serás sempre feliz”.

Os jovens da cidade não paravam de aborrecer um deles, um jovem rapaz pobre e desfigurado por uma feia cicatriz. Eles o ridicularizavam e o provocavam, obrigando-o a pedir a mão da donzela. Por fim, ele acaba aceitando o desafio, mas sem nenhuma esperança. Para seu grande espanto, ela não o recusa prontamente, mas lhe diz: “Vai até o Espírito do sol e diz-lhe que tu queres me desposar. Diz-lhe para fazer desaparecer tua cicatriz; esse será o sinal de sua aprovação”.

O Espírito do sol, a pura donzela e o infeliz desfigurado representam a união do espírito, da alma e do corpo numa nova vida. Todo ser humano, caso queira obter esse tesouro, deve seguir a voz da alma e seguir o caminho do Espírito. Neste conto aparecem numerosos símbolos que explicam a verdadeira evolução do homem.

Sem muito ardor, o jovem se engaja na difícil via da renúncia à vida que levava até então. Ele interroga o lobo, o urso e o texugo, mas é o bicho preguiça que lhe indica onde fica a margem da extensão de água que ele deve atravessar. Ele chega ali, no outro lado do mundo, completamente exausto: a água parece estender-se ao infinito, já não há víveres e seus mocassins estão furados. Ele sente enjôo e diz que não pode atravessar o imenso rio, que já não tem força para retornar à sua terra e que logo irá morrer sobre essa margem.

À esquerda: Vladimir Stenberg, *Composição colorida número 4*, óleo sobre tela, 1920.

À direita: Pawel Kusnezow, *Uvas vermelhas*, óleo sobre tela, 1930-1931. Kusnezow foi presidente da Comunidade das Quatro Artes instituída em Moscou e em São Petersburgo em 1925.



Mas, não; o conto continua relatando como o auxílio vem até ele “do outro lado”, na forma de dois cisnes que vêm em sua direção e o tomam e atravessam a água cintilante. Não é o lobo cheio de coragem, nem o urso cheio de força, nem o texugo que o ajudam, mas a preguiça. Este animal, que dorme catorze horas por dia e passa o resto do tempo pendurado num galho de árvore quase sem se mexer, nunca é agressivo e jamais ataca. Para os índios, ele é o símbolo da paz. Aqui, ele simboliza o estado de ser necessário para chegar à outra margem. O homem isolado, desprovido de força espiritual da Luz, é incapaz de atravessar o abismo fundamental que representa essa grande extensão de água, mas o homem equilibrado, cioso de suas palavras e que age em silêncio recebe o auxílio. E o que acontece na margem oposta é muito surpreendente. O infeliz desfigurado descobre uma armadura magnífica, porém não a toca. Ela pertence a Estrela da Manhã, o último filho do Espírito do Sol. Este confia no rapaz e o apresenta a seu pai, o Espírito do Sol, e a sua mãe, Luz Vermelha da Noite. No dia seguinte, Estrela da Manhã ataca, imprudentemente, os perigosos pássaros da morte, que vivem próximo do grande rio e que já haviam matado sua mãe e seus irmãos, os filhos do Espírito do Sol. O jovem da cicatriz reconhece o perigo e mata os pássaros com sua lança. Após essa proeza, ele recebe autorização para desposar a donzela.

“Retorna à tua casa”, diz-lhe o Espírito do Sol, “escuta-me, sê intrépido, eu sou o único mestre, tudo me pertence. Sou eu que concedo o alento de vida, fui eu que criei a terra, as montanhas, os prados, os rios e as florestas. Eu criei os homens e todos os animais”.

Como um sinal para a donzela, apaga a cicatriz do rosto do rapaz e o ensina a construir uma cabana onde ele exerceria a arte da cura. Carregado de presentes, ele retorna, através da Via Láctea, para sua aldeia. Embora vestindo roupas estranhas, e já não apresentando a cicatriz, ele é reconhecido e recebido alegremente pelos habitantes. Ele se casa com a donzela e, em ligação com o Espírito do Sol, eles constroem a primeira cabana na terra com a finalidade de praticar a arte médica.

O fim da narrativa transmite a mensagem: o ser humano unido ao Grande Alento, ao Espírito, obtém o poder de auxiliar os outros. Ele constrói um campo de força pleno de serenidade no qual todos os que alcançam a compreensão e aspiram conscientemente ao grande poder salvador obtêm a purificação e a cura.

CHIDR, O VERDE

O encontro do homem com o Espírito

Quando o homem sintoniza sua vida com o divino novamente desperto dentro dele, após um período de preparação se desenvolve uma nova consciência, ligada ao Espírito divino. Essa bem-aventurada experiência é a da personagem chamada Chidr nos ensinamentos islâmicos.



Na narrativa de Sohrevardi, quando a alma buscadora indaga ao sábio como se desfazer da “cota de malha da matéria”, como se desembaraçar dos laços da natureza terrestre, ele lhe responde: “Torna-te semelhante a Chidr”

“TORNA-TE SEMELHANTE A CHIDR”

A alma percebe que a libertação dessa armadura de ferro é algo doloroso. Consternada, ela faz a seguinte pergunta:

– Mestre, o que é preciso fazer para aliviar essa miséria?

E o mestre responde:

– Vai à fonte da Vida, verte essa água sobre tua cabeça até que a cota de malha possa facilmente cair, protegendo-te ainda dos golpes de espada, pois essa água afina as malhas de modo que os golpes se tornam menos duros de suportar.

– Mestre, onde se encontra a fonte da Vida?

– Nos lugares escuros. Se tu queres ali chegar, calça os sapatos corretos e toma o caminho da esperança, até que chegues aos lugares escuros.

– De que lado começa o caminho?

– Não importa onde. Se o segues verdadeiramente, alcançarás teu objetivo.

– O que é que caracteriza esses lugares escuros?

– Tu te encontras neles sem o saber. Quem quer que encete o caminho vê-se na escuridão, na qual já se encontrava, e percebe que jamais viu a luz.

Esse é o primeiro passo do peregrino. A partir daí é possível avançar. Uma vez alcançado esse ponto, ele pode prosseguir.

– Nosso destino é começar por aí?

– Quem deseja encontrar a fonte da Vida vagueia desesperadamente na escuridão. Mas, no momento em que se torna digno, vê a luz.

Quem descobre a fonte da Vida e nela se lava torna-se semelhante a Chidr.

Sohravardi menciona muito concisamente esse personagem misterioso associado à fonte da Vida tanto na tradição popular ortodoxa do Islã como no sufismo. A ele é atribuída toda uma gama de qualificações que vão desde curador miraculoso até Ser espiritual supremo, e os muçulmanos o veneram em numerosos santuários onde ele é reputado como portador de felicidade.

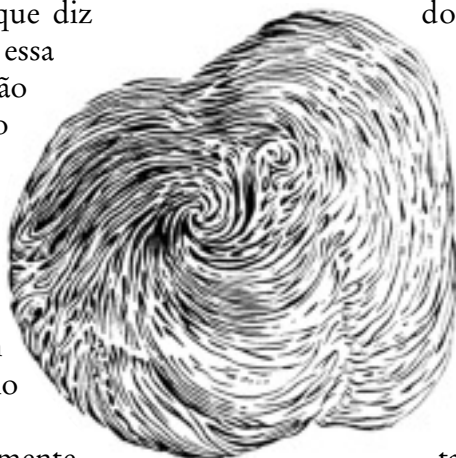
O ENCONTRO COM CHIDR

Numerosos textos sufis descrevem o encontro com Chidr. Essa é uma experiência marcante que transforma completamente a vida e que frequentemente gera um grande desgosto pelas coisas deste mundo. Contudo, no que diz respeito a certos sufis, essa experiência essencial não parece modificar muito sua vida exterior. Há os que fazem de Chidr seu irmão, outros o consideram seu pai espiritual, e há os que o vêem na forma de um homem que os guia no caminho.

Seria possível igualmente considerá-lo um ser espiritual microcômico que acende a chama da nova consciência. No plano cósmico, ele é o guia espiritual da humanidade. Nesse papel de guia interior, a tradição islâmica o apresenta como o servidor anônimo de Deus que guia Moisés. Segundo o Corão, Moisés deve passar por três tentações, e esse servidor que possui a sabedoria divina o adverte: “Tu não poderás ficar comigo até o fim. Como poderias suportar certas coisas se não as compreendes?” (Surata 18:65-82)

Ele leva Moisés consigo com a condição de que ele não faça nenhuma pergunta a respeito de suas ações. Como é evidente, ocorrem três coisas que levam Moisés a

achar a maneira de agir de seu guia tão falsa e repreensível que ele não consegue manter sua palavra e acaba interrogando-o. Moisés, o homem da lei, não consegue explicar esses incidentes, falta-lhe ainda a percepção interior, pois ele os interpreta segundo a lógica, a moral e os critérios comuns. Em seguimento a essa passagem do Corão, o sufismo faz uma distinção entre o “conhecimento chídrico” e o “conhecimento mosaico”. Moisés representaria, neste caso, o “imame dos homens exteriores” e Chidr seria o possuidor do verdadeiro conhecimento, a gnosis (*Ma’rifat* em árabe). Chidr é “o senhor dos mistérios”: “Sabe que Chidr é o reflexo do nome secreto de Deus e que seu lugar é o do Espírito”, declara o sufi persa Abd ar-Razzaq.



CHIDR E O CONHECIMENTO

Para o sufismo, o conhecimento especial encarnado por Chidr, o conhecimento divino, é o saber “proveniente de Deus” ou “na presença de Deus”, descrito na 18ª surata. O grande mestre Ibn al-Arabi afirma numa carta:

“Sabe, ó irmão, que, para nós, o conhecimento somente é perfeito quando vem diretamente de Deus, sem passar pela mediação da tradição ou de um xeique.

Quem se ocupa apenas do que diz a tradição em todos os seus detalhes deixará escapar a felicidade de seu Senhor. A pessoa que passa sua vida a perscrutar as tradições de maneira científica não encontrará a verdade. E se, ó irmão, tu segues o caminho acompanhado dos guias divinos, chegarás à contemplação de Deus e de Deus receberás o conhecimento de todas as coisas mediante justa inspiração, como o ensina Chidr, e isso sem nenhum esforço, nem dor, nem insônia.”

CHIDR E ALEXANDRE, O GRANDE

Nem sempre Chidr representa o guia espiritual, mas com frequência ele também representa o próprio buscador. No decorrer dos tempos, os autores muçulmanos ligaram-no às várias tradições antigas com o fito de mostrar a evolução que o faz tornar-se o “servidor imortal de Deus”. Um mito bastante divulgado nas culturas grega e síriaca, conta que Alexandre, o Grande, buscava a fonte da Vida. No século X, por exemplo, o teólogo Ibn Baboye relata o seguinte:

“Escreveu-se que ele era a fonte da Vida, e que os que bebessem dessa fonte não morreriam até que ouvissem o chamado para despertar, no dia da ressurreição. Quando, então, Alexandre partiu para sua busca, chegou a um local onde havia trezentas e sessenta fontes. Chidr era responsável pelo comando e Alexandre era, entre todos, o mais amado. Ele deu a Chidr e também a cada um de seus companheiros um peixe salgado, dizendo: ‘Mergulhai vosso peixe numa fonte, não importa em qual delas’. Chidr dirigiu-se para uma das fontes e mergulhou seu peixe, e eis que este reviveu e fugiu”. Ao ver isso, Chidr soube que havia encontrado a fonte da água da Vida.”

Para os últimos autores sufis, a fonte da Vida é, sobretudo, a fonte da compreensão, e “esta se encontra oculta em vossa casa”, dizem eles. Ali al Qari, indiretamente, liga o conhecimento à luz: “É dito: a água da Vida evoca o conhecimento, e a escuridão, a ignorância”. Para ele, assim como para Sohrawardi, a fonte da Vida guardada por “Chidr, o tempo” encontra-se nas trevas, e quem nela se banha ou dela bebe se eleva na luz eterna.

CHIDR, O VERDE

A íntima relação entre Chidr e a fonte da Vida explica igualmente o seu nome, que significa “verde”, em árabe. Dizem que toda

vez que Chidr toca a terra, os campos e as flores, tudo desabrocha. Esta é uma idéia bastante profunda, pois a cor verde representa um papel importante no islamismo e no sufismo. Em certos textos, os diferentes estágios do desenvolvimento da consciência e da alquimia são comparados às cores. Aqui, os ensinamentos do sufismo ligados à alquimia comparam-se aos ensinamentos do persa Nadjm ad-Din al Kubra, do século XII. Nadjm afirma claramente, no início de sua obra: “Nosso método é alquímico. Odores deliciosos da amizade e da manifestação da sublimidade”.

Para ele, a cor verde é a cor da “força vital do coração”. Essa cor é a última que subsiste; dela emanam as irradiações cintilantes banhadas de um clarão radiante. Embora às vezes turva, essa cor pode ser perfeitamente límpida. Sua turvação indica um retorno à escuridão da natureza, enquanto sua pureza traduz a soberania da Luz divina. No século XI, o persa Simnani levantou a hipótese de que o homem possui sete órgãos sutis (os sete centros energéticos ou chacras), e a cada um deles ele deu o nome de um profeta. Assim ele explica o Corão de forma penetrante: não se trata de personagens históricos, mas sim de símbolos que mostram o crescimento da alma. O sétimo órgão sutil (latifa) é “Maomé em teu ser”.

Esses sete centros de força interior dão nascimento a um novo organismo, e as luzes de cores diferentes que circundam os órgãos sutis nos dão a conhecer os estágios de desenvolvimento.

O verde é a cor do sétimo órgão. Esse simbolismo sugere que Chidr, o Verde, está associado ao crescimento do novo corpo-alma. E é somente em um corpo-alma suficientemente sutil que o Espírito pode manifestar-se e unir-se à alma.

CHIDR E O REINO DO NORTE

Na obra cosmológica de Abd al-Karim al



As lendas e poemas sobre Chidr foram tão numerosos e propagados durante tantos séculos que acabaram chegando depressa ao Ocidente. Goethe não é, nem de longe, o primeiro autor a fazer alusão a Chidr quando escreve em *West-östlicher Diwan* (O Diwan ocidental-oriental):

“Norte, Oeste e Sul se estilhaçam,
Tronos se fendem, reinos estremecem;

Foge agora para o puro Oriente,
A fim de experimentar o ar dos patriarcas;
Entre amores, bebidas e cânticos,
A fonte de Chidr (em ti) rejuvenescerá.”

Gustav Meyrink retomou o personagem de Chidr em seu livro *A face verde*, e nele faz referência ao significado da palavra árabe “chidr”, que significa “verde”.

Dschili (morto em 1428) Chidr é um ser espiritual do Universo que, segundo ele, compreende sete esferas celestes e sete terras concêntricas, das quais a melhor é a terra das almas. Deus a criara mais branca que o leite e mais doce que o almíscar, mas quando Adão nela ingressou após sua queda, ela tomou a cor da matéria. Contudo, no extremo norte existe ainda um lugar onde jamais penetrou um pecador e que permaneceu tão branco como na origem. Essa é a morada “dos homens do Mistério”, cujo rei é Chidr.

Todos esses exemplos mostram que o caminho que conduz ao reino de Chidr começa na escuridão do mundo da matéria, na fonte de Vida onde a natureza e o Espírito se encontram. A água da Vida confere compreensão e conhecimento divinos. O homem se eleva nesse conhecimento e com a nova consciência ele se “torna semelhante a Chidr”. A partir desse momento, ele permanece no mundo da Luz, embora ainda viva na escuridão, a fim de indicar o caminho a todos os que buscam Chidr, até que também eles o encontrem interiormente.

FONTES

Corbin, H. *En Islam Iranien: Aspects Spirituels et philosophiques*, (4 Vols). Gallimard, 1971-1973.

Corbin, H. *L'Archange empourpré de Sohrevardi*, Franke, P. *Begegnung mit Khidr*, Stuttgart: Frank Steiner, 2000.

Quinze tratados e relatos místicos. França: Fayard, 1976.

O SONHO DA IMORTALIDADE

O espírito humano e os futuros nano-robôs¹ da tecnologia genética poderão cooperar de modo perfeito: pelo menos é nisso que as últimas pesquisas acreditam. Elas permitiriam criar um “aparelho neuronal” por meio de uma combinação de microprocessadores e estruturas biológicas. “Dentro de aproximadamente trinta anos será possível reproduzir completamente o cérebro por meio de um aparelho neuronal”, afirma o cientista Ray Kurzweil.

Nessa época será difícil distinguir entre o homem e esse tipo de aparelho: os computadores terão emoções e desejos humanos, formularão desejos e objetivos. Chegaremos a isso mediante a troca de elétrons dos ácidos nucléicos e da impressão de reproduções de modelos de pensamentos sobre os processadores de silício. Será que a humanidade vai ser a primeira espécie neste planeta a se transformar por meio de suas próprias descobertas?

Segundo Kurzweil “os aparelhos darão prova de possuir uma consciência e teremos

outro. A consciência vê surgir no horizonte grandes possibilidades e imagina poder libertar-se do aprisionamento à matéria deste mundo. Desmaterialização como fuga para a liberdade digital?

O BEM-AVENTURADO CAMINHO DE RETORNO

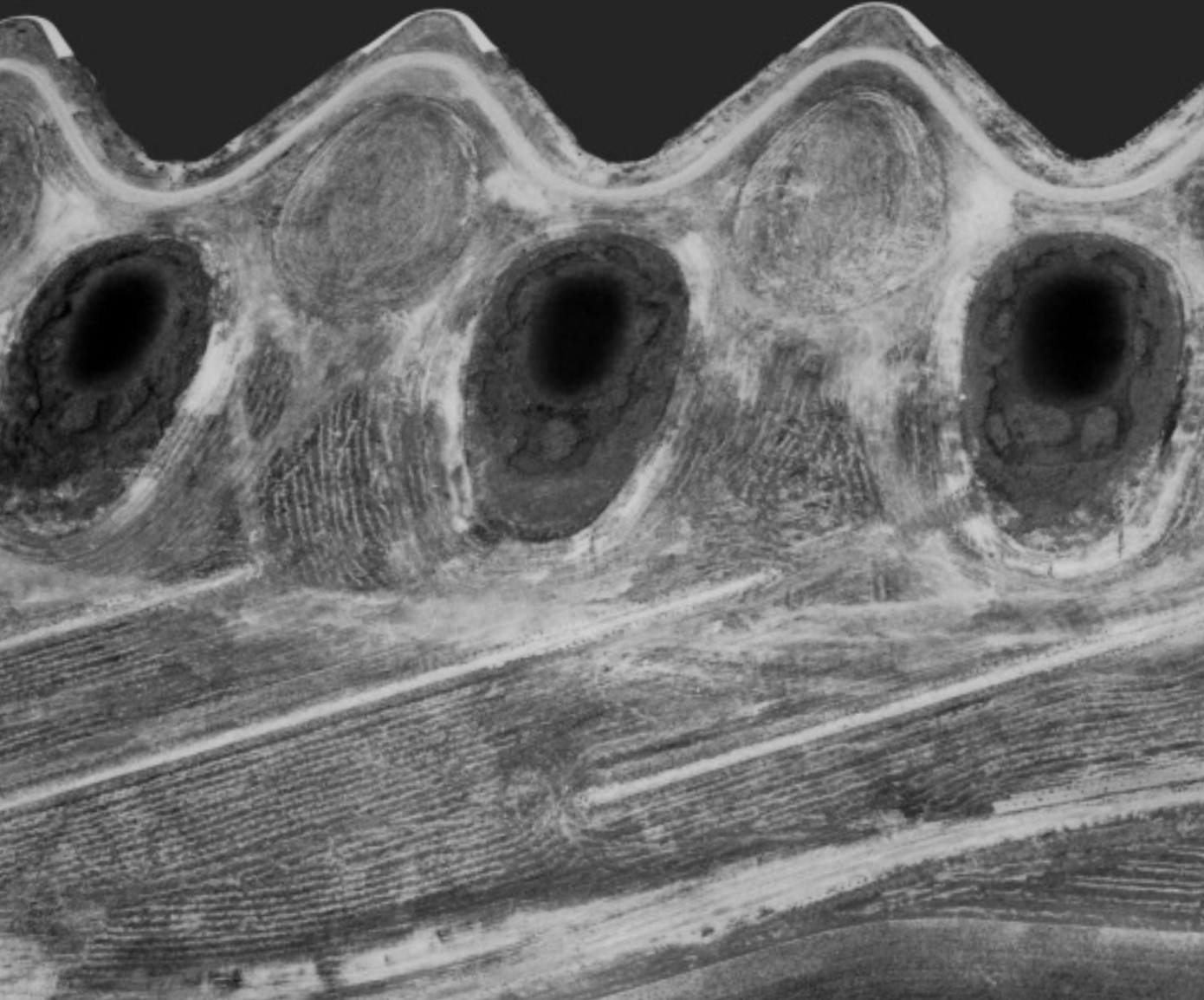
O caminho da verdadeira desmaterialização começa pela purificação do coração. Que é o coração? Que tipo de processos acontecem dentro dele? São passivos, dirigi-

Difícilmente temos consciência da riqueza latente que possuímos

de cooperar com eles, caso contrário seu cérebro perderá a razão. A evolução da inteligência se tornará um caso de upload e download. Os computadores inteligentes não se oporão ao homem nem o farão desaparecer, porém se fundirão com ele”.

No início da era de Aquário se tem a impressão de que o ser humano e a natureza querem engajar-se num processo de mudança profunda, partindo da materialidade para uma desmaterialização de um tipo ou de

dos por nossos impulsos e orientados para as coisas banais, ou são um processo de conscientização que nos faz compreender que o princípio superior em nós pertence a uma grande cadeia de vida, ligado a tudo o que partilha a mesma vida? Difícilmente temos consciência da riqueza latente que possuímos. Nossa visão muda quando sabemos que nossa vida está estreitamente ligada à de nosso próximo. Nossa visão, por assim dizer, se aprofunda. Começamos a perceber



as dificuldades dos outros e de onde provêm suas paixões; passamos a compreender o sofrimento que acompanha toda a vida. Desse modo, a expansão do raio de ação do coração – que é a consequência dessa compreensão – gera um novo poder mental incapaz de conceber qualquer coisa que seja contra a verdadeira vida. Esse poder formará a base sólida de uma nova atividade da vontade e do comportamento! Ora, esse caminho de impulsos puros e verdadeiros

do coração leva à experiência e à consciência. A experiência mostra o lugar que ocupamos em nosso meio ambiente e nosso papel na sociedade. Da experiência advém o conhecimento e o autodomínio. De início, ela nos mostra nossa quase impotência, o que, de modo natural, nos torna humildes, até que por fim compreendemos que o autodomínio é, antes de tudo, uma autodoação. Isso parece simples e fácil e, ao mesmo tempo, sutil e difícil. Ora, a autodoação des-



perta uma nova capacidade que é indissociável de nós mesmos: percebemos que podemos fazer muita coisa. Ligados à cadeia de seres e munidos de novo entusiasmo, passamos a exibir um poder de ação bastante dinâmico.

Isso significa, igualmente, o retorno ao nosso ponto de partida, ao axioma hermético “assim como é em cima, assim é embaixo”, pois os resultados das ações puras se fazem sentir no cosmo, no macrocosmo e em todo o Universo, isto é, desde embaixo até em cima!

Esboçamos aqui, em poucas palavras, o verdadeiro caminho a seguir: o único desenvolvimento justificado da humanidade que podemos conceber e que confere uma felicidade perfeita. Porque, quando o esforço e a ação coincidem, existe unidade entre coração, cabeça e comportamento. Como uma criança que se alegra com uma nova ativida-

de, o ser humano que dispõe dos novos aspectos da consciência do coração e do cérebro sente um profundo bem-estar, ao mesmo tempo que mergulha no êxtase e na paz, estado este que ocasiona a cura e a boa saúde.

Esse é exatamente o princípio central buscado pela rosa-do-coração: o perfeito desabrochar do ser humano. Nesse caso, é possível receber muita ajuda e inspiração de uma escola espiritual. E cada um de seus membros se esforça diariamente para dar um passo nessa direção.

DESMATERIALIZAÇÃO NEGATIVA

Contudo, sejamos realistas. O ser humano não pode sempre reagir de modo positivo a todos os impulsos da força de Aquário, pois geralmente ele não reconhece esse desenvolvimento, pois não sabe quais são suas exigências. Ele acredita que sua perso-

nalidade mortal deverá tornar-se imortal, ou então que seu eu mortal e seu corpo físico que vivem artificialmente deverão sobreviver infinitamente neste mundo. Esta é a idéia que fatalmente leva ao erro e ao mau uso das possibilidades que Aquário irradia.

Pode-se considerar que o desenvolvimento do “virtual” resulta da atividade de Aquário, e que isso terá grande repercussão no mundo do trabalho e da própria vida nas sociedades ocidentais. Grande parte das comunicações que anteriormente aconteciam por meio do contato pessoal ou por escrito acontece agora por via eletrônica. Essa é uma característica da atividade de Aquário. As crianças e os jovens estão crescendo neste mundo virtual. No entanto, essa área apresenta excessos que são prejudiciais e acarretam um alto percentual de problemas mentais.

Pela aliança da medicina com a micro-

À esquerda: Mênades dançando. Projeto de escultura, ca. século I a. C., Museo delle Terme, Roma, Itália.

Abaixo: Joop Willems, *A última vida*. Óleo sobre tela, 1984.

tecnologia e a nanotecnologia aparecem novas técnicas virtuais. Como dissemos no início deste artigo, hoje é possível implantar microprocessadores no cérebro, no coração e em outros órgãos. Em alguns anos, haverá no corpo humano milhões de “nano-robôs” que, como guardiões da saúde, farão suas rondas nas artérias, nas veias, e mesmo nos vasos capilares, agindo e reagindo de modo completamente autônomo. Não se sabe ainda o que acontecerá, então, nos corpos sutis. A ciência ainda desconhece essa questão, pois ela não é assim tão simples. O que acontecerá no plano da alma, da consciência? Quais são os perigos de uma manipulação como esta?

Um outro exemplo é o do emprego de



A essência eterna do homem aguarda libertar-se da matéria a fim de ingressar na vida de um mundo completamente diferente.

sistemas “biométricos” de segurança. Uma câmera digital filma a íris e um computador compara as trezentas pequenas impressões em relação aos dados de um modelo característico. Na impressão digital clássica, apenas quarenta características são comparadas. A íris é, portanto, única e impossível de ser copiada. Mas a radiação eletrônica enviada ao olho também não atravessa diretamente o cérebro? O que se passa, então, ainda no plano da alma, da espiritualidade? Isso influencia as glândulas de secreção interna, ativas no cérebro? Os olhos, o “espelhos da alma”, estão ligados de maneira sutil à pineal que, segundo as teorias científicas modernas, tem a mesma estrutura que os olhos. Raramente se fazem perguntas como essas, e elas jamais recebem respostas. Os pesquisadores norte-americanos vão ainda mais longe porque, como acabamos de mostrar, eles estudam a possibilidade de combinar os microprocessadores e a biologia a fim de obter um “aparelho neuronal”.

O SONHO DA IMORTALIDADE

O objetivo dos pesquisadores científicos é, portanto, separar o espírito humano, ou o que eles consideram como tal, do corpo material vulnerável, não confiável, supérfluo, e implantá-lo em microprocessadores e nano-robôs. Se digitalizarmos a vida, nós a racionalizaremos, tornando, assim, inútil o corpo iludido pelos sentidos, e criaremos sistemas dinâmicos auto-estruturados. É desse modo que o homem se volta para o sonho da imortalidade.

Os Extropianos, grupo de especialistas da área da eletrônica que se qualificam como “trans-humanistas futuristas”, inventam todo tipo de tecnologia a fim de realizar o mais rápido possível a transformação do

mundo em um sistema virtual hiper-econômico. Eles prevêm que, depois que o homem tiver adestrado seu corpo e seu mental, ele deverá evoluir até tornar-se um “proto-super-homem” com grande talento tecnológico, bem superior ao restante da humanidade – o que, conseqüentemente, resultará no desaparecimento do antigo gênero humano.

Hans Moravec, pesquisador pioneiro de computadores, falou, pela primeira vez, nos anos 80, sobre o declínio do gênero humano, com grande entusiasmo. Ele não acha que seja necessário sobrar grande coisa do *homo sapiens*, que afinal não passa de um “cidadão de espírito limitado, nativo do planeta terra”. A transformação dessa forma de vida biologicamente limitada é iminente: “Todos nós nos transformaremos em robôs. Isso é tão inelutável quanto admirável. A evolução é mais poderosa que nós. Nós somos apenas uma parte do grande todo”.

GRANDE ESPERANÇA, GRANDE ERRO

De que evolução falam Moravec e os cientistas? E de que grande todo? O que eles entendem por “proto-super-homem”, por imortalidade? O que significam inteligência, espírito e alma? Que significado tem para eles a consciência, a autoconsciência e a onisciência?

Num certo sentido, pode-se dizer que um ímpeto apaixonado impele os intelectuais à pesquisa desesperada da imortalidade. Na base dessa pesquisa sempre existem motivos inferiores. Aí quase nunca se encontram bases sólidas nem a verdadeira sabedoria a respeito do significado do ser, da humanidade, do Universo. Todos se vêem envolvidos por um desejo nervoso de perfeição, de harmonia e de sabedoria, com

veementes votos de união, a fim de escapar de todo separatismo – isso sem contar com a aspiração à onipresença. O único problema é que toda essa pesquisa acontece no mundo mortal.

Na área da ciência eletrônica vive o mito da imortalidade, do onipoder e da onisciência. Mas como é possível suprimir as próprias características da natureza, que são a transitoriedade e a mortalidade?

Tudo o que aqui aparece um dia desaparece. A mudança é a marca principal de nossa existência. Nem os microprocessadores nem mesmo os nano-robôs são eternos. Cedo ou tarde eles desaparecerão. O que é eterno no homem deve sempre se desembaraçar de seu invólucro mortal incompatível com a condição de imortalidade. A substituição pela eletrônica não mudará nada. O que é eterno no homem não espera viver eternamente neste mundo da morte onde ele se encontra em permanente exílio.

A essência eterna do homem aguarda libertar-se da matéria a fim de ingressar na vida de um mundo completamente diferente.

A DIFERENÇA CRUCIAL

Geralmente a ciência parte de uma imagem material do mundo. O homem, com seu cérebro extremamente complicado e sua faculdade intelectual, está persuadido de que um dia desvendará os últimos segredos da vida, e que isso é apenas uma questão de tempo. A Rosacruz vê o mundo de maneira totalmente diferente. Seu ponto de partida para a renovação da vida encontra-se justamente no centro espiritual eterno do coração. É isso o que guia toda sua conduta. E, quando o rosacruz se encontra na

senda da libertação desse centro espiritual, seus pensamentos diferem totalmente das considerações comuns. Esse novo poder mental não é intelectual. Ele é uma inteligência plena de razão, o fundamento de uma nova consciência esclarecida, que se origina de um estado de vida totalmente diferente.

A SOLUÇÃO

Trata-se, portanto, de uma luta ancestral entre a luz e as trevas. Essa luz chega, atualmente, no início da era de Aquário, a uma fase decisiva. A desmaterialização negativa age nos indivíduos, e também na evolução da humanidade inteira, do cosmo, do nosso sistema solar e do Universo. E essa luta acontece no interior de cada um. É ali que as forças que agem em segundo plano medem forças com a luz. É a luta milenar que objetiva o extermínio das almas, ou pelo menos sua degradação, para que permaneçam para sempre prisioneiras da matéria. Porém, tudo acaba seguindo um plano. Tudo acontece segundo as leis da natureza e, segundo o princípio de Fausto de Goethe, nós nos tornaremos livres: aqui atuam as forças do mal, mas o mal sempre pode transformar-se em bem. Por outras palavras, nós recebemos uma força e uma sustentação verdadeiras quando estamos preparados e permanecemos receptivos. O que poderia ainda nos reter?

1 N. R.: 1 nanômetro tem aproximadamente a grandeza de uma molécula.

FONTES

Kurzweil, R., *Homo Sapiens*, entrevista no periódico *Konrad*, 2000.

Moravec, H., *Robot: Evolution from mere machine to transcendent mind*. Oxford University Press, 1998.

O GRITO, A PONTE E O ESPÍRITO

O ser humano tem uma natureza dupla. A isso se referem todos os escritos gnósticos e herméticos que dão testemunho das grandes capacidades humanas.

A Gnosis ensina que o homem, em sua verdadeira essência, é um deus, idéia esta que a ciência moderna torna muito difícil de compreender.

O ESPÍRITO NA NATUREZA

O homem moderno crê apenas no que ele vê e mede, ou como dizem algumas pessoas, no que pode ser sustentado por provas. As ciências do Espírito perderam a posição central que ocupavam no início dos tempos modernos. Apesar de tudo, o homem conservou a fascinação de discutir a respeito do sobrenatural, do Espírito, de Deus. Do limite onde os cientistas encontram as inconsistências de seu próprio sistema de pensamento surgem sempre novos estímulos para o pensamento científico.

Será uma realidade espiritual divina que conduz o homem? Ou será a curiosidade de um espírito jovem e hábil que avança até tocar os confins de seu próprio domínio? O simples fato de essa pergunta ser feita ainda e sempre mostra que a resposta não é assim tão simples. É evidente que a inteligência tem limites e que existem áreas sobre as quais a mente não possui nem pode possuir o controle.

Muitas obras mundiais ressaltam a idéia de que o ser humano possui dentro de si um sol espiritual. Antigamente esse sol se encontrava em plena atividade e o dirigia. Em nossos dias, ou ele é buscado ou sua presença é negada.

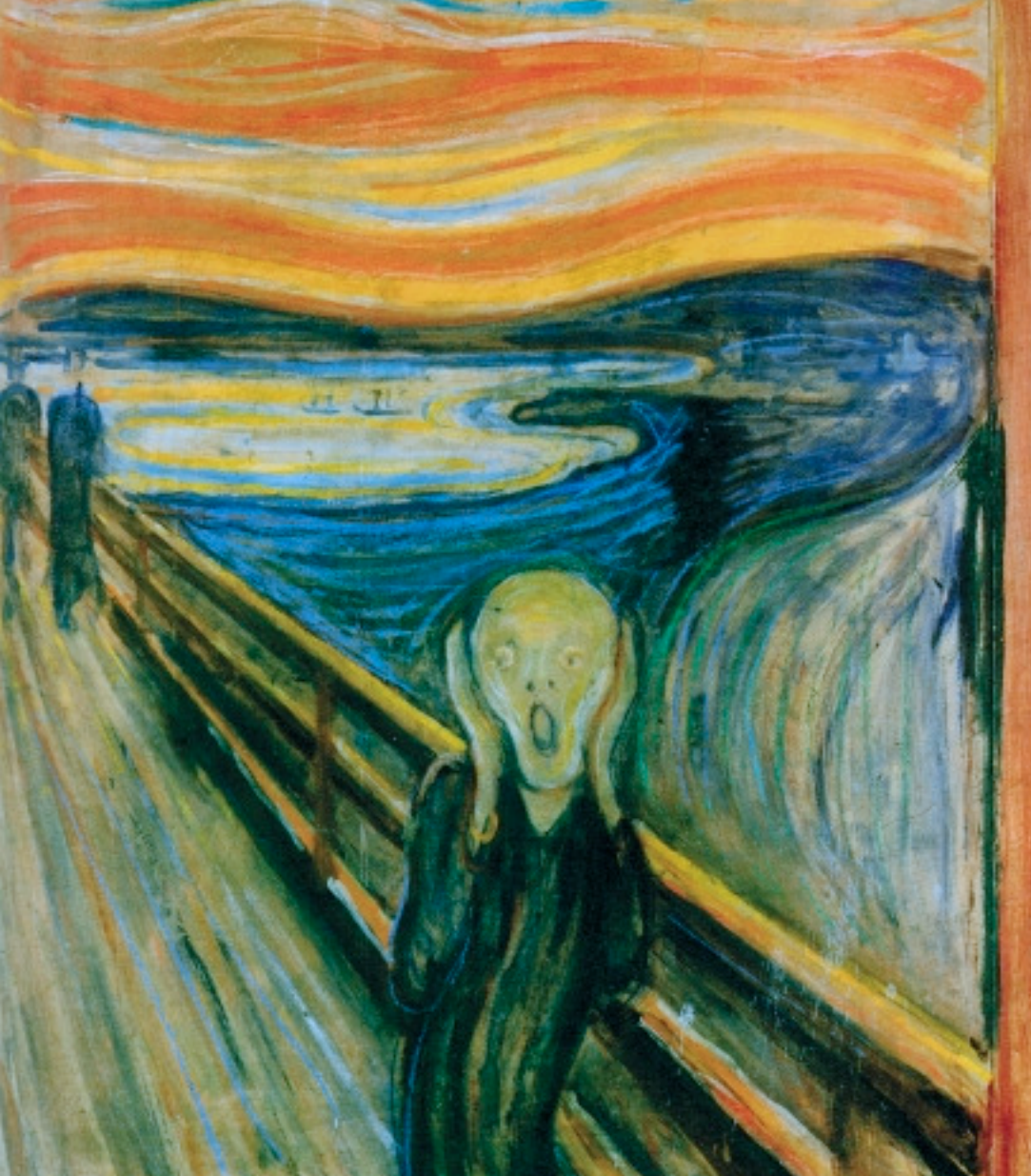
A OPOSIÇÃO ENTRE O ESPÍRITO E A NATUREZA

O filósofo russo Nicolai Berdiaev escreveu: “É preciso considerar que a oposição entre Espírito e natureza é fundamental [...] O espírito não é absolutamente realidade, no sentido de que ele é natureza ou então uma realidade claramente visível”.

Ele diz que tudo o que pertence ao homem natural – sua alma bem como seu corpo físico – pertence a este mundo e apenas difere dos animais em qualidade e materialidade.

O espírito humano, entretanto, a verdadeira natureza original do homem, pertence a uma realidade totalmente diferente. Sobre este ponto, pergunta-se se o Espírito age diretamente neste mundo. Com relação a isso, Berdiaev declara: “É nas profundezas inconcebíveis que o Espírito toma o mundo e nele faz brilhar uma luz totalmente diferente”.

Portanto, o Espírito somente toca o “pequeno mundo”, o “microcosmo” humano, em suas profundezas inconcebíveis. Se o homem consegue intuir isso, ele se conscientiza de que é seu intenso desejo que causa semelhante toque. No entanto, se seu desejo não estiver verdadeiramente voltado para o Espírito mas apenas para o seu reflexo na matéria, esse fenômeno não passa de um fogo-fátuo. O homem busca o Paraíso, mas, como não possui nenhuma sabedoria, ele se conecta cada vez mais com a selva do mundo civilizado e erudito da natureza.



Edvard Munch,
O Grito (Wanhoop)
Oslo, 1893. Nesse
auto-retrato psíquico,
Munch mostra de
maneira bastante
notável que é a
paisagem que lança
um grito acusador;
o personagem sobre
a ponte já não suporta
mais.

O ESPÍRITO E OS SÍMBOLOS

Em sua obra intitulada *Geest van de Vrijheid* (O espírito da liberdade) Berdiaev separa a natureza e o Espírito ao citar W.J. Soloviev: “Tudo o que é visível nesta terra é apenas o reflexo, a sombra do que os olhos não vêem”. Mais adiante, ele diz que nosso mundo natural não possui nenhuma profundidade, e que seu sentido e significado provêm de um outro mundo, o mundo do Espírito. A fórmula hermética “assim como é em cima, assim é embaixo” pode ser verificada no que diz respeito ao homem nascido da natureza. Porém, seus poderes de percepção estão ligados tão fortemente ao mundo

natural, ao “reflexo”, que ele não possui nada além de uma suspeita da presença do Espírito no mais profundo de si mesmo.

Uma vez que seu lado espiritual lhe oferece pelo menos uma certa intuição, a linguagem dos símbolos se torna acessível para ele. Somente os símbolos lhe permitem reconhecer o que é “invisível aos olhos”, pois as imagens arquetípicas da consciência coletiva estimulam a aspiração ao mundo do Espírito, do qual a humanidade provém.

Os símbolos constituem uma ponte pela qual se pode passar para o mundo espiritual. Nosso profundo desejo nos guia para essa ponte, que é a primeira possibilidade de atravessar o abismo entre a natureza e o Espírito.

A TORRE DE BABEL E A CONFUSÃO DE LÍNGUAS

O significado original dos símbolos espirituais revela-se extremamente impreciso. Um símbolo é luz e energia ao mesmo tempo. Mas quem ainda possui a sensibilidade necessária para perceber a vibração de uma tal energia?

Embora a força-luz do Espírito apele à consciência original adormecida do homem divino, nós nos prendemos às nossas próprias interpretações predominantemente intelectuais ou então sentimentais, sendo ainda estas últimas as mais fortes. Essas reações individuais fazem a luz explodir em miríades de estilhaços inapreensíveis. Nossas capacidades naturais acolhem dela apenas ínfimos pedaços.

Essas reações individuais e os contra-sensos que lhe são inerentes provocam uma “confusão babilônica da linguagem” em que o significado do símbolo do Espírito se perde. Na Bíblia, pode-se constatar o início desta desestruturação do sentido dos símbolos e a tentativa de combater suas conseqüências com a construção da célebre torre de Babel.

Há duas maneiras de reagir aos símbolos do Espírito. As tentativas de explicar e de sistematizar o indizível provocam uma dissonância da energia que nos toca interiormente. Ouvimos essa dissonância que, servindo-nos das palavras de Berdiaev, “ressoa nas profundezas inimagináveis”, e que passa então a vibrar interiormente, despertando uma certa compreensão.

Muitas tentativas e decepções nos tornam conscientes do abismo entre o Espírito e a natureza. Como dissemos acima, os símbolos do Espírito podem constituir-se numa ponte sobre o abismo. Depois, pode suceder de a ponte acabar no meio e não vermos sua segunda metade. Ora, o fato de nos encontrarmos sobre a ponte significa que carregamos em nós o homem divino como uma real possibilidade, e que aprendemos a concebê-lo sob a forma de um deus adormecido.

Em seu quadro intitulado “O grito”, Munch mostra o chamado por socorro daquele que chegou à ponte: é o chamado por socorro da natureza, com a qual ele é uno. Essa representação desperta uma profunda repulsa, mas também, de modo quase que mágico, somos atraídos para ela. “O grito” é um documento autobiográfico que relata a angústia crônica de Munch, um relato realista escrito por ele em seu diário íntimo.

“Eu caminhava pela rua com dois amigos, o sol se punha – uma grande melancolia invadiu-me – o céu coloriu-se repentinamente de vermelho-sangue. Parei, esgotado, e apoiando-me sobre uma barreira, notei as nuvens flamejantes como espadas sanguinolentas – o fiorde e a cidade azul-escuro – meus amigos prosseguiram em sua caminhada, e eu continuava ali, trêmulo de medo, enquanto ouvia o grito longo e dilacerante da natureza”.

Ao chegar ao meio da ponte, conscientizamos-nos de que nós, seres nascidos da natureza, nada sabemos e não temos poder algum para nos libertar. “Ali parei, esgotado, e apoiiei-me sobre uma barreira”. Com um desespero crescente tentamos despertar, animar o deus adormecido em nós, pois só ele tem o poder de nos fazer atravessar a ponte lançada sobre o abismo.

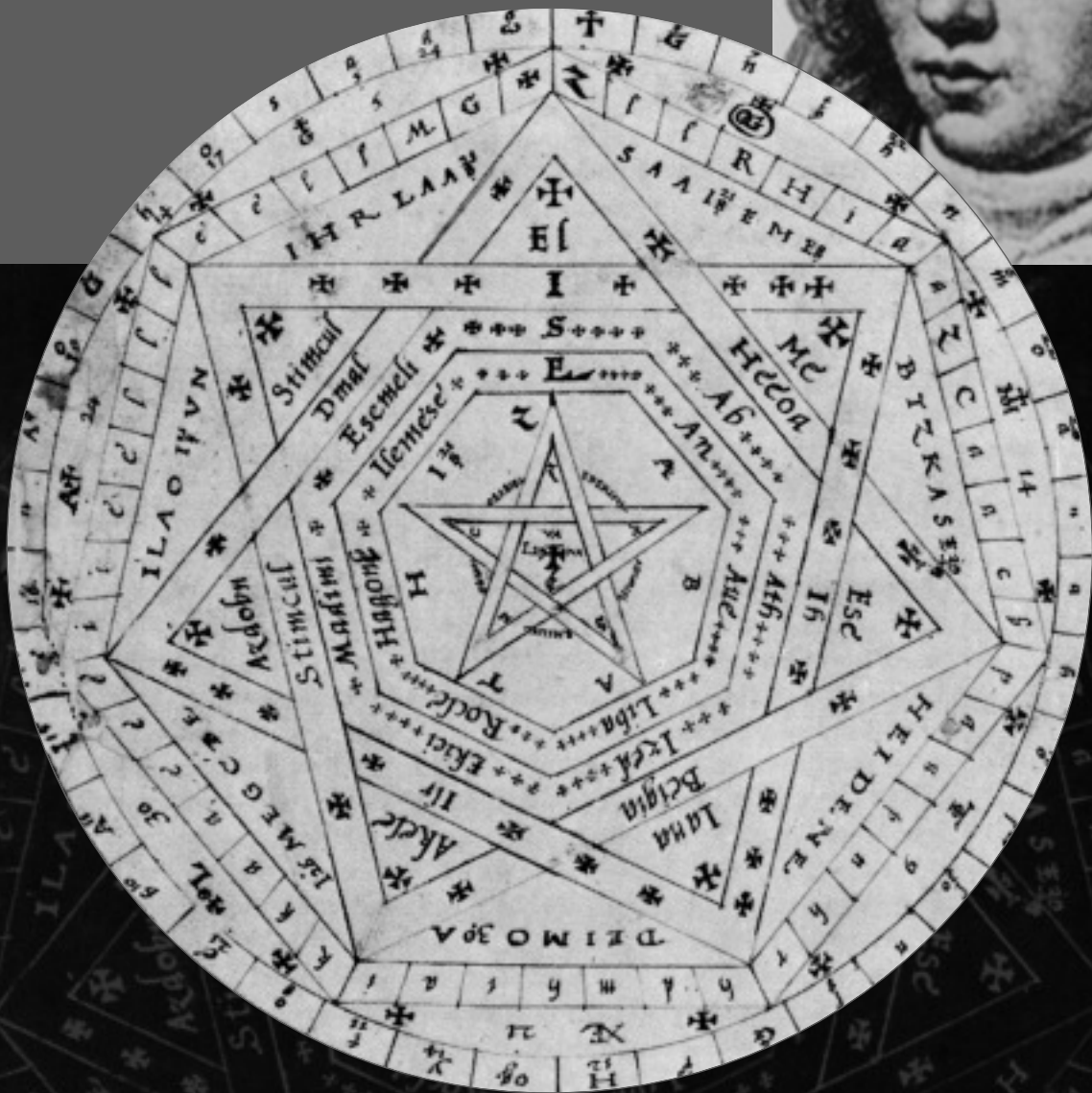
O grito recebe uma resposta: ao chegar ao meio da ponte, percebemos que a parte que falta está apenas dissimulada e que apenas a graça divina tem o poder de despertar o deus interior adormecido. Nesse instante surge uma nova vida. É isso que Paulo descreve quando diz: o homem natural não compreende as coisas do Espírito divino, pois lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, embora o espiritual queira ser entendido. “- Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual” (Paulo, I Cor: 15,44).

FONTE

Berdiaev, *Philosophie des Freien Geistes* (Filosofia da Liberdade), J.C.B.Mohr, 1930.

QUANDO NÚMEROS E FIGURAS JÁ NÃO FOREM...

Espírito e natureza em um poema de Novalis



O espírito e a natureza, o espírito ou a natureza? Qual a relação entre essas duas palavras? Essa foi uma questão que sempre perturbou os pesquisadores. Na Gnosis hermética, elas evocam a idéia alquímica de um espírito e de uma natureza renovados, reconciliados e perfeitamente unidos num piscar de olhos.

Friedrich von Hardenberg (1772-1806), também conhecido como Novalis, era um jovem esbelto, de olhos trigueiros, claros e brilhantes. Dele, emanava uma jovial afabilidade. Era poeta, jurista e engenheiro de minas. Em 1794, deu aulas a Sophie von Kuhn, que então tinha doze anos de idade. Em uma carta a seu irmão Erasmo, ele escreve: “Um breve quarto de hora decidi meu futuro destino”, e ambos ficam noivos em março de 1795. Porém ela falece pouco tempo depois em 1797. A partir daí, Friedrich dedica-se a sua carreira de funcionário público nas salinas. Ele parte para Freiberg, na Saxônia, e ingressa na Faculdade de Geologia.

Ao mesmo tempo que exerce sua profissão e estuda, Novalis escreve continuamente e mantém contato com os mais célebres poetas e filósofos da Alemanha. Assim ele faz uma visita a Schiller, com quem sonha algumas noites, por ocasião de uma de suas crises de depressão, e a quem devota profunda admiração. Ele conhece Goethe, de quem diz: “Se Schiller escreve para o pequeno homem, Goethe escreve para o grande homem”. Ele também é amigo dos irmãos Schlegel e de Ludwig Tieck.

Sua obra consiste, sobretudo, em fragmentos que comportam uma grande riqueza de idéias acerca de todos os aspectos da arte e da religião. Ele possui também uma maneira toda especial de abordar a ciência. É intencionalmente que citamos uma de suas fórmulas: “Tudo é semente”.

Novalis é um fervoroso admirador de Jacob Boehme e até mesmo conhece *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreutz* bem como outras obras de J.V. Andreæ. Em seu poema intitulado *Quando números e figuras já não forem...* e em seu romance *Heinrich von Ofterdingen* podemos encontrar aspectos alquímicos e herméticos que lançam uma luz muito particular sobre os conceitos espírito e natureza tal como eram compreendidas na época do romantismo.

Quando números e figuras já não forem
a chave de todas as criaturas,
quando os que cantam ou beijam
souberem mais do que os eruditos,
quando o mundo voltar à vida livre e ao
mundo, quando então luz e sombras se
unirem para gerar verdadeira claridade,
quando se reconhecer as verdadeiras
histórias do mundo nos contos de fada e
poemas, então o inteiro ser,
diante de uma palavra secreta,
desorientado fugirá de nós.

(escrito ca. 1800-1801) ¹

Esses versos falam para o mundo inteiro e, para os alemães, eles são os mais célebres de Novalis; eles dão um exemplo do conceito romântico da relação entre espírito e natureza no final do século 18. De modo geral, eles foram interpretados de maneira bastante romântica pelo fato de aparecerem no romance de Novalis, *Heinrich von Ofterdingen*, ficando assim seu fundo hermético ignorado. Por longo tempo predominou a figura de um Novalis jovem poeta, melancólico, alienado da vida, perdido em seus sonhos. Muitos leitores (até mesmo os eruditos) compreenderam mal certas passagens. Os primeiros versos transmitem a idéia errônea de que Novalis sente repugnância por uma linha de pensamento em que a matemática ou a geometria desempenha um papel. Contudo, o que acontece é o contrário. O adágio de Novalis é: “A vida superior é matemática”.²

Engenheiro de minas e geólogo, ele cumpria seus deveres sociais e profissio-

Na p. 27: Selo de John Dee, Londres, British Library.

Na p. 30: Foto Pentagrama.

nais com paixão e da melhor forma possível. Seu trabalho apresenta um alto nível científico. Ele foi também jurista e membro de um conselho administrativo. Junte-se a isso uma obra literária original. Ele era um homem que tinha os dois pés no chão enquanto vivia num plano espiritual superior. Sua espiritualidade reflete-se em alguns versos de seu poema: nele, Novalis formula de maneira poética cinco condições a serem preenchidas, caso o mundo em derrocada deseje mudar a fim de ser salvo.

PRIMEIRA CONDIÇÃO:

Quando números e figuras já não forem a chave de todas as criaturas...

No romance *Heinrich von Ofterdingen*, trata-se de “números e figuras”. Ambos se referem ao assim chamado “autor”, na história de Klingsohr, escritor cujas elucubrações resistem pouquíssimo à prova da sabedoria. Com efeito, o autor apresenta muitos números e figuras geométricas que, “com grande zelo, ele enfileira como orna-

Heinrich von Ofterdingen é um belo romance educativo. É a resposta de Novalis ao ciclo *Wilhelm Meister*, de Goethe, que ele acha aborrecido e convencional. A ação se passa na Idade Média, e aí descobrimos Henrique, o personagem principal, quando ele tenta entabular conversa com um estrangeiro. Essa conversa lhe vem à memória e o impede de dormir. Mas, por fim, ele acaba compreendendo aquilo que desejava e adormece. Então, aparece-lhe o “objetivo supremo”: alcançar uma “flor azul em que flutua o rosto de uma jovem”. Nisso, Henrique parte em viagem com sua mãe. De Eisenach, na Alemanha Central, eles se dirigem a Ausgburg, onde mora seu avô.

Henrique é um personagem do tipo Parsifal, hesitante, modesto, que se inflama pelo bem e é, ao mesmo tempo, extremamente influenciável, sensível à beleza em todos os planos. Ele ama as artes, sobretudo a poesia. Sua fantasia e sua imaginação fazem-no ver maravilhas em tudo o que acontece, nas aventuras e nos encontros. Durante a viagem ele conhece mercadores, um ermitão que também é um filósofo, um minerador e uma jovem oriental. Na cidade de seu avô, Ausgburg, o poeta Klingsohr inicia-o nos segredos da poesia e sua sublime beleza. Ele sucumbe a uma beleza ainda maior ao enamorar-se de Mathilde, a filha de Klingsohr. A primeira parte do romance termina com uma estória alegórica que traça em poucas linhas a vida de Henrique e de Mathilde.

A segunda parte nunca foi terminada. Ela começa com a morte da bem-amada de Henrique. Seu desespero o incita a partir em uma longa peregrinação. Segundo Novalis, o romance “deveria evoluir progressivamente na forma de um conto”; ele quer “aprofundar os temas das conversações e dos contos da primeira parte: a unidade da vida e da morte, o masculino e o feminino, oriente e ocidente. Tudo culminaria na “apoteose dos poemas” que Henrique, o poeta perfeito, escreveria.

Nesse romance se alternam a prosa, a poesia e as lendas; os diálogos ilustram as realidades da vida, e as considerações abordam os problemas sérios.

“Segundo o mais arbitrário dos preconceitos, é negado ao homem a capacidade de existir para qualquer coisa que lhe seja exterior; é-lhe negada a posse de uma consciência capaz de transpor os limites das percepções sensoriais comuns. O homem tem a capacidade de se tornar, num instante, um ser supra-sensível, pois do contrário, em vez de se tornar um cidadão do mundo, ele não passará de um animal. Devemos não somente ser humanos, mas sobre-humanos. O homem é semelhante ao Universo. Ele não é limitado. Ele é simultaneamente determinado e indeterminado. Poderíamos dizer que o homem perfeito deve viver em vários lugares e em vários homens; ele deve sempre dispor de um vasto meio social animado por muitos acontecimentos. Então surge a verdadeira e grandiosa presença do Espírito, o que o torna um verdadeiro cidadão do mundo.”¹⁵



mento ao redor de seu magro pescoço”.³ É um verdadeiro trapaceiro, um fantasista, uma caricatura daquilo que chamaríamos de tecnocrata. É igualmente um fanático pelo que é útil: para ele a utilidade é “a chave de todas as criaturas”. É evidente que Novalis, do ponto de vista do destino humano, não vê nisso nada de libertador.

SEGUNDA CONDIÇÃO:

quando os que cantam ou beijam
souberem mais do que os eruditos...

Novalis simpatiza muito mais com os que cantam e se beijam do que com o escritor trapaceiro e os doutos cientistas. Esses são os personagens com quem cruzamos nas universidades, os que, de modo um tanto irônico, são considerados especialistas, os falsos pilares de um mundo transviado. Eles se crêem muito sábios, mas na verdade seu saber está morto.

Os que cantam, os artistas e os que amam se dão inteiramente ao que fazem e adquirem assim grande saber no tocante à realidade. Para Novalis, os artistas e os amantes têm isto em comum: toda a sua personalidade é criativa. A poesia e o amor são os principais temas de sua obra. Para ele, “o amor é o objetivo último da história das nações” – a unidade do Universo.⁴ O amor, a “simpatia” cósmica, é o que unirá novamente as infinitas manifestações do Universo, dissociadas e opostas. “Deus é amor. O amor é a realidade superior, o fundamento original”,⁵ a base primordial e o objetivo, o alfa e o ômega.

Isso soa para nós um tanto estranho. Mas poderíamos perguntar: de que tipo de amor concreto se trata aqui? Será que tudo deverá limitar-se ao sentimento? Novalis afirma: “De modo algum! A teoria do amor é a ciência suprema,⁶ a doutrina do Eros superior, acessível somente ao poder mental elevado; ela requer uma elevada atividade filosófica, ela é o assunto de estudo das ciências naturais”.

TERCEIRA CONDIÇÃO:

quando o mundo voltar à vida livre
e o mundo...

Estes dois versos são enigmáticos. É evidente que Novalis fala de dois mundos diferentes. Poder-se-ia compreender isso da seguinte forma: “Quando o falso mundo encontrar-se na liberdade e retornar ao mundo verdadeiro”. Mas como? O poema implica, no conjunto, um processo de mudança, um processo que pode ser compreendido como o retorno a uma “idade áurea”. Não se trata de voltar atrás, mas sim de obter um novo estado. Como é possível a um mundo completamente falso se transformar? Sob o impulso de quais forças, de quais indivíduos?

QUARTA CONDIÇÃO:

quando então luz e sombras se unirem
para gerar verdadeira claridade...

Novalis reconhece a dualidade do mundo na separação entre luz e trevas. Luz e trevas devem unir-se a fim de dar ao mundo outra claridade, a verdadeira luz. Como geólogo, Novalis vê o modelo disso no cristal. Em *Heinrich von Ofterdingen* ele escreve: “O cristal é a natureza translúcida”.⁷ O cristal é aqui tomado num sentido positivo e não no de endurecimento. As pedras preciosas são exemplos de cristais de grande valor; por conseguinte, vemos que uma pedra preciosa, um rubi, tem um papel importante num romance. A “verdadeira claridade” é uma palavra-chave romântica que descreve o estado em que já nada é dissociado.⁸

QUINTA CONDIÇÃO:

quando se reconhecer as verdadeiras histórias
do mundo nos contos de fada e poemas...

Os mitos e a poesia permitem uma certa sublimação da divisão dualista evocada pelos conceitos de preto e branco. Encontramo-nos ali no centro exato do realismo mágico de Novalis. Por meio dos contos e dos poemas, ele nos faz imaginar a magia poderosa do mundo que permanece oculto ao pensamento racional. A magia cósmica é a realidade. Novalis quer desmistificar nosso “mundo falso”, e não era fascinado por ele como se supõe com frequência.

Ele nos encoraja: se nos interessarmos pelas lendas e mitos do mundo, sua verdadeira estrutura mostrar-se-á por si mesma.⁹ Não se trata, aqui, de nenhuma magia oculta; não, Novalis é um poeta e nos fala de uma antiga alquimia transfigurística, da arte da transmutação pela palavra criadora, coisa que um “ser desorientado” não pode suportar de boa fé.¹⁰

A METAMORFOSE

então o inteiro ser, diante de uma palavra secreta, desorientado fugirá de nós.

Quando a realidade aparente houver mudado, isto é, quando todas as condições tiverem sido preenchidas e o mundo corrompido, transviado, tiver amadurecido, ele desaparecerá, dissolver-se-á, da mesma forma que na alquimia hermética a matéria vil se transforma em “ouro”. Nesse processo a “pedra filosofal”, ou a “palavra secreta” representa um papel catalisador. É preciso que se compreenda que essa pedra, essa palavra, é o símbolo de uma poderosa ação mágica.

Assim como na alquimia hermética o adepto atravessa inúmeras fases existenciais com o fito de adquirir essa pedra, no poema de Novalis surgem circunstâncias poéticas que parecem utópicas, míticas, para que a palavra secreta jorre no mundo.

Existem muitas palavras e códigos secretos tradicionais que permitem decifrar textos e sinais. A Gnosis arcaica põe isso

em prática na forma de sonoridades mágico-ritualísticas. Mas de onde vem, nesse poema, o conceito “palavra secreta”?

UM RUBI VERMELHO-FOGO

No terceiro capítulo de *Heinrich von Ofterdingen*, alguém conta uma estória. Seu nome é Atlantis, e ele vem do mesmo lugar em que a ação se passa, a lendária ilha da Atlântida. Nesse conto, um rubi vermelho-fogo tem um papel decisivo: a filha de um rei perde essa pedra preciosa, que é encontrada por um jovem que passeia pela floresta. Nessa pedra, há uma palavra secreta gravada em sinais enigmáticos. O jovem cai sob o poder da pedra e fica contemplando o rubi durante a noite toda. Pela manhã, ele sente um desejo irresistível de expressar seus pensamentos e sentimentos amorosos pela princesa em versos poéticos que entregará a ela junto com a pedra preciosa em seu próximo encontro.

Reunidos pelo rubi, o jovem e a filha do rei celebram seu casamento, e logo se dá a transmutação não somente dos dois amantes, mas também do rei e de seu reino: tudo volta ao “mundo verdadeiro”. “Sem parar, rolam as lágrimas de alegria, os poetas põem-se a cantar, no país inteiro a noite se transforma em santa vigília, e a vida se transforma numa festa esplêndida para todos os habitantes”.¹¹ A palavra secreta gravada no rubi produziu a metamorfose do mundo; “os que cantam ou beijam” tiveram um papel mediador essencial. O rubi representa aqui a “pedra filosofal”.

O projeto de Novalis para a segunda parte do romance, inacabado, é relatar a busca pelo rubi que falta na coroa imperial, cujo lugar é indicado por um vazio.¹²

A pedra preciosa que brilha como uma centelha ígnea é a imagem que Novalis utiliza para evocar a luz eterna ou a centelha do espírito sepultada em todos os corações humanos. “O carbúnculo brilha nas trevas

da noite e despende uma imensa claridade sobrenatural... Quem possui o rubi conhece o segredo do mundo”.¹³ “A pedra não é um objeto material, ela é o símbolo de uma elevada nobreza potencial adormecida em cada homem”.¹⁴ Ela une “o eu terrestre ao eu celeste”. Do portador da pedra, emana a “palavra secreta”, e toda falsidade desaparece.

A LIBERTAÇÃO DA NATUREZA

Para Novalis não há dualismo entre natureza e espírito, embora ele fale sobre a existência de dois mundos. Ele mostra a fusão necessária do espírito e da natureza pela amizade e pelo amor, à medida que as tendências egocêntricas são dominadas pela prática de trabalhos criativos ou pela contemplação de obras de arte em que se consegue transcender a realidade do “falso mundo”. A natureza em seu conjunto está apta a se anular e transformar; ela aguarda que os homens se libertem e iniciem a viagem à “idade áurea”.

A verdadeira libertação exige, contudo, benevolência e amor altruísta bem como uma atividade criadora. Novalis diz também que a criatividade (no sentido de criação pessoal) não é suficiente. Em nosso descaminho, algo deve vir em nosso auxílio: uma “palavra secreta”, um sinal, sem o que a Grande Obra não pode realizar-se. Esse sinal secreto vem do “rubí” oculto em nosso coração. Nós vagueamos pelo mundo com a finalidade de encontrá-lo. Se conseguirmos decifrar seu código secreto, finalmente acontecerá a transmutação da alma, do céu e, enfim, de todo o reino. A exemplo dos antigos alquimistas, de sábios como Paracelso e Jacob Boehme, devemos aguardar por essa metamorfose em total abandono, paciência e humildade.

Notas

- 1 Uerlings, H: *Novalis*. Stuttgart: Reclam, 1998. p. 118.
- 2 Roder, F., *Menschwerdung des Menschen*. Stuttgart: Berlin, 1997, p. 654.
- 3 Novalis, *Heinrich von Ofterdingen*. Stuttgart: Reclam, 1987, p. 126
- 4 Id. 2, p. 318
- 5 Mahoney, D. F., *Die Poetisierung der Natur bei Novalis*. Bonn: 1980, p. 14
- 6 Id.
- 7 Id. 3, p. 109
- 8 Id. 1, p. 122
- 9 Kurzke, H.: *Novalis. Munique*: C. H. Beck, 2001, p. 17
- 10 Prólogo do Evangelho de João
- 11 Id. 3, p. 49
- 12 Id. 3, p. 193
- 13 Id. 2, p. 549 f
- 14 Id. 2, p. 536, 542
- 15 Novalis: *Die blaue Blume*. Stuttgart: Reclam, 1987



O SEGREDO DO GRANDE TAMBOR



Nos últimos anos na Europa tem crescido o número de apresentações de tambores japoneses nas salas de concerto. Os tambores taiko pertencem a uma tradição secular, sem qualquer relação com a dança, e representam um gênero artístico muito específico. Há muito



eles vêm sendo usados para evocar os ancestrais. Agrupados na praça da aldeia, os tambores também permitiam que se delimitasse as zonas povoadas. A aldeia se estendia até os limites da propagação do som.

À esquerda: Tambor da civilização Mochica, ca. 800 d.C.
Essa cultura floresceu do ano 0 até c.a. 800 nos vales de Moche e de Chicarna, na costa do Peru.

Para nós, contudo, esses costumes se perdem na distância do espaço e do tempo, e já não perguntamos por que essa forma de arte conhece hoje no Ocidente um interesse renovado. Qual será o motivo de ela exercer tal fascínio sobre o audiotório?

TAMBORES COM DIÂMETROS GIGANTESCOS

Os tambores taiko são talhados em madeira de pinho e recobertos de couro bovino esticado. Existem diferentes tipos, de diferentes dimensões, e cada tambor recebe um nome apropriado. O maior deles possui um diâmetro de três metros e setenta centímetros e pesa 1,5 tonelada. Cada um deles tem um suporte que representa um disco solar. O tocador coloca-se numa posição que lembra uma árvore, pernas separadas como raízes plantadas na terra, corpo e cabeça eretos, imóveis, semelhantes ao tronco de uma árvore, enquanto que os braços se agitam a partir dos ombros à semelhança de galhos sacudidos pelo vento. Tem-se a impressão de que o tocador quer insinuar com isso uma tempestade invisível, uma força intangível que é transmitida diretamente ao tambor, à matéria.

Antes de começar a tocar, ele ajoelha em silêncio diante do tambor, de forma meditativa e extremamente concentrada. Em seguida, de repente, levanta-se, segurando duas simples baquetas de madeira. Ele bate com todas as suas forças, num ritmo desenfreado e com total maestria.

O batedor do grande tambor, o chefe, dá o ritmo fundamental. Ele apresenta cada trecho com uma única batida vigorosa,

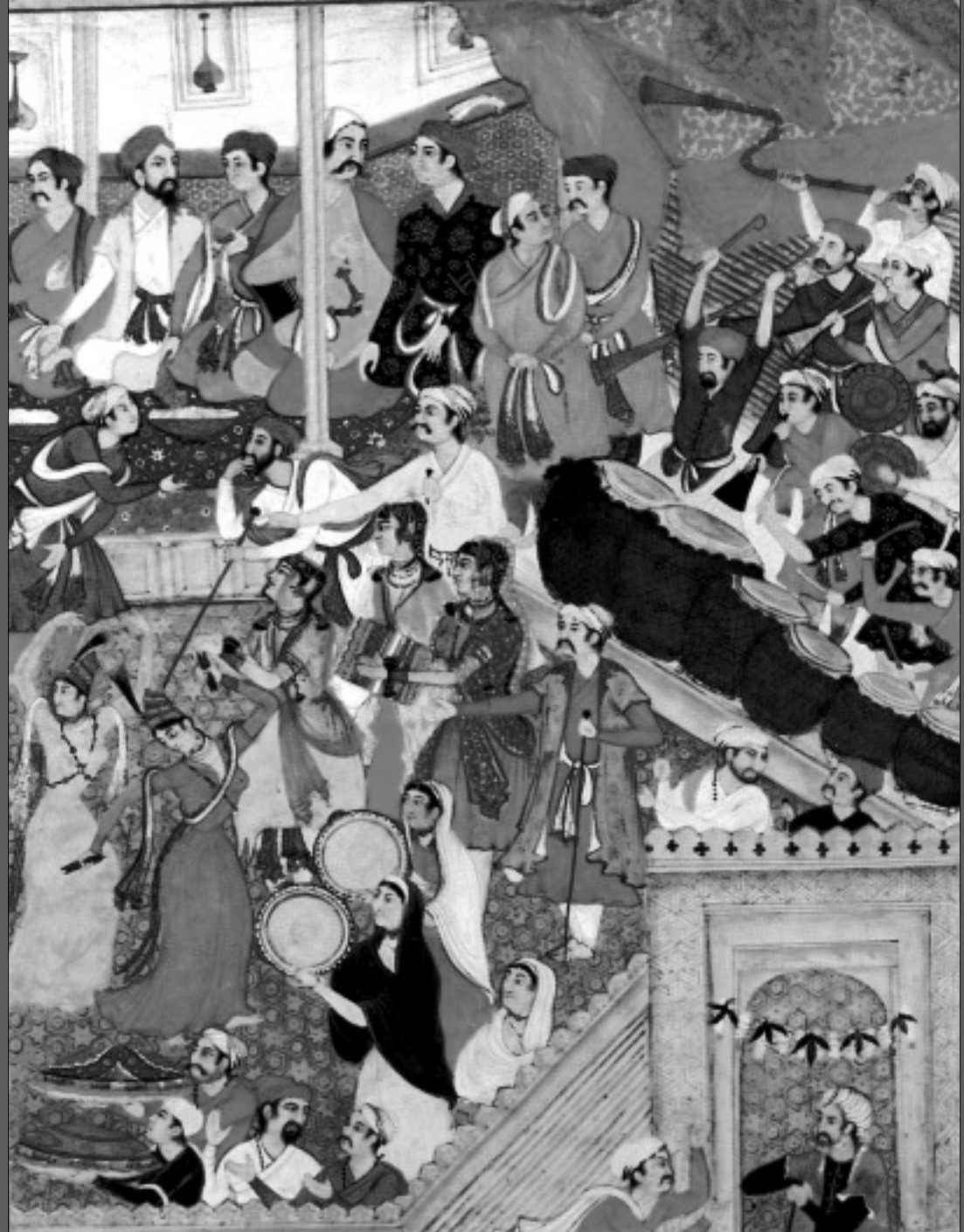
e o instrumento produz um som poderoso e profundo, podendo-se senti-lo ressoar até a medula. Os outros tambores produzem ritmos rápidos, criando todo o tipo de belas estruturas sonoras. Às vezes uma flauta de bambu os acompanha.

O grupo compõe-se de seis a doze músicos que tocam com tal sincronismo que se tem a impressão de ouvir apenas uma baqueta. Em matéria de inspiração, a natureza é o tema predileto; eles são capazes, por exemplo, de interpretar a beleza e o movimento do céu estrelado. Para um ouvinte receptivo, o concerto é uma experiência acústica e visual espantosa cujo efeito se prolonga ainda por um longo tempo. Mediante qual prodígio? Qual é o segredo do grande tambor?

A LIBERTAÇÃO DA DEUSA DA LUZ

Na tradição japonesa, há uma lenda que fala do grande tambor. Trata-se da lenda de Aratura, a deusa do sol, dispensadora de luz e calor e que concede a vida sobre a terra. Ela tem um irmão de caráter obscuro e perverso que, com o tempo, se torna cada vez mais irascível. Mergulhada em aflição, a deusa se retira para uma gruta profunda e desaparece da face da terra. Então os homens, privados de luz e de calor, tornam-se tristes, fracos e acabam adoecendo. O irmão da deusa da luz, contudo, sente um certo arrependimento. Com o intuito de fazer a deusa retornar, é colocado diante da entrada da gruta um grande tambor que é tocado até que o pobre povo comece a se mover ao seu ritmo e a alegrar-se. Por fim a deusa sai, e novamente a luz ilumina a terra e os homens, curando os seus males.

مغان و الافطرت باشد سامان این جلوی داد و نمرسدان جا بک دست استس قدرت با کافر
در تربت منازل و تیرین مجالس جا بک دست و نمرغای بجای او رند و مجویب الهاس این دو نمید پسندیده بند
حضرت ناعشای از فرط سرور و ایشاط بنور حضور خود ان نگارستان عسرت را ضیاء و بها بخشنده بود



HOMENS E DEUSES

O símbolo do grande tambor não é encontrado apenas na mitologia japonesa, mas também em diversos textos sagrados e lendas de todos os continentes. As imagens impressionantes que o representam possuem sempre dimensões tanto cósmicas quanto microcósmicas. Elas se relacionam ao mundo dos deuses e ao mundo interior do homem. Tem-se mesmo a impressão de que o tambor, de modo misterioso, une os dois mundos.

RELÂMPAGO E TROVÃO

O som do grande tambor estrondeia como o trovão após o relâmpago. Tão logo o relâmpago brilha, o trovão estrondeia, tal como a voz da matéria na atmosfera, despertada pela descarga do fogo elétrico da tempestade. Assim como a matéria, o homem também possui um microcosmo que o rodeia como uma aura. Para ele, o rufar do grande tambor é a voz do filho de Deus, perdido na matéria, que responde ao toque do fogo elétrico do Espírito. Quando o som do tambor é puro, seu chamado sobe das profundezas, onde seu corpo poderoso está enraizado, para a luz que parece provir do alto, mas que em realidade o circunda. O tocador do grande tambor, o homem, se dá inteiramente a fim de produzir esse som, e seu chamado sempre recebe uma resposta.

O SETE TROVÕES DO APOCALIPSE

No Apocalipse de João, a hora da sétima e última trombeta é anunciada por sete trovões, fenômenos cósmicos interpretados como produzidos por um deus. Em *O Verbo Vivente*, Catharose de Petri diz que eles se relacionam com a ciência dos sete raios.¹

Pode-se compreender que se trata do primeiro toque do ser humano pelo Espí-

rito sétuplo, acontecimento que pressagia futuros desenvolvimentos. Os sete raios do Espírito desencadeiam sete trovões na atmosfera do microcosmo. Nesse mesmo instante se dá a abertura da consciência. Sete golpes no grande tambor anunciam a última trombeta. Os sete trovões simbolizam, portanto, o processo de evolução da consciência no microcosmo.

O TAMBOR DOS DEUSES ADVERTE

O “tambor dos deuses” é mencionado num tratado budista do século XII com o intuito de dar uma idéia do processo de iluminação de Buda: “No palácio da vitória suprema ressoa o tambor dos deuses, o tambor do darma, cujo nome único evoca o poder do nobre ensinamento. Ele chama os deuses despreocupados e lembra a eles, com seu ressoar, os quatro axiomas da doutrina de Buda: ‘Toda manifestação é transitória; todo fenômeno é desprovido de um “eu”; tudo o que leva a mácula da dualidade é sofrimento, e a cessação do sofrimento é paz.’”

O TAMBOR DE SHIVA

Na tradição indiana, o tambor é um atributo de Shiva, a divindade mais elevada. Ele é o deus que liga o fogo à terra, o Espírito à matéria. Segurando o tambor em sua mão direita, ele cria ou aniquila o mundo. Ele cria o mundo quando faz soar o tambor, e quando pára, o mundo desaparece. O poder de destruição e de criação corresponde à atividade do primeiro raio do Espírito sétuplo. O som do tambor pertence à ordem do primeiro raio. Mas o tambor também é um instrumento que serve para conceder uma estrutura à substância primordial, para

À esquerda: Tambores e instrumentos musicais em um manuscrito de núpcias indianas, 1561 d.C.

Na p. 38: Marcas de mãos, Patagônia, ca. 10.000 a.C.



criar os átomos e ordenar o Universo, o que corresponde à atividade do sétimo raio do Espírito sétuplo. O sétimo raio é uma energia que produz uma nova força de vida. Não é à toa que nos países asiáticos o tambor seja considerado um instrumento mágico e seja utilizado nos rituais e cerimônias religiosas.

Quando retine o som do grande tambor, ele não só engendra o ritmo, a ordem e a estrutura de vida, mas também exprime uma alegria imensa. Na Bíblia se fala de louvar a Deus com címbalos sonoros.

O TAMBOR DE GUERRA

O aspecto aniquilador se anuncia quando os grandes tambores de guerra fazem ouvir seus sons assustadores, que exercem uma atração para o que é inferior, assim como é descrito no livro *O Senhor dos Anéis: Amaldiçoado do anel*, quando os companheiros chegam ao ponto mais baixo de sua odisséia através do mundo abissal de Mória (símbolo da passagem pela matéria mais densa), eles são aterrorizados por uma batida surda proveniente das entranhas da terra.²

Segundo alguns autores, o tambor, nos tempos da Lemúria, era utilizado para manter a consciência humana acorrentada à matéria.

O TAMBOR INTERIOR

O tambor existe igualmente no ouvido humano, que transmite à nossa alma as vibrações do mundo circundante. O tímpano do ouvido externo (a pele do tambor) comunica as vibrações ao ouvido médio, onde o martelo e a bigorna entram em ação; em seguida, pelo caracol, os impulsos acústicos se transformam em impulsos nervosos.

O som cria literalmente o mundo em nossa consciência por meio do tambor do ouvido. Mas esse fenômeno permanece

seletivo, pois nem todos os sons penetram até a consciência. O ouvido conserva, com efeito, uma relação bastante particular e direta com a alma: mantendo-se perfeitamente sintonizado com as preocupações e os sentimentos da alma, ele apenas filtra os sons que lhe são afins.

Contudo, se a consciência entra no silêncio, o ouvido da alma se abre às vibrações internas não habituais. A “voz do silêncio” chega até ela. As tradições falam com frequência sobre um tipo de trovão. Em um coral de J.S. Bach, por exemplo, é dito: “Ó eternidade, ó clamor do trovão, ó espada que transpassa a alma, ó começo sem fim”.³

O grande tambor da exortação divina ressoa continuamente, porém nós não o ouvimos. Esse som poderoso continuará a se propagar até o final dos tempos, e se dermos ouvidos a ele, suas vibrações nos transfigurarão em criaturas que participam novamente da consciência original.

NOTAS

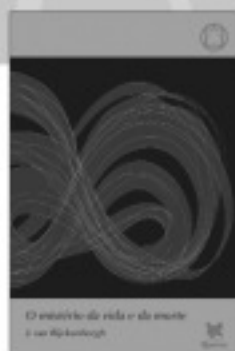
- 1 Petri, C. de, *O Verbo vivente*, Editora Rosacruz, 2006.
- 2 Tolkien, J.R.R. *O senhor dos anéis*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- 3 J.S.Bach, coral, texto de Johann Rist, 1642.

O MISTÉRIO
DA VIDA E DA MORTE

NÃO HÁ
ESPAÇO VAZIO



EDITORA
Rosacruz



O MISTÉRIO DA VIDA E DA MORTE

J. van Rijckenborgh

Vida e morte estão de tal forma entrelaçadas no tecido da ventura humana que toda a ciência natural não se cansa de especular sobre a razão de nossa existência.

O que é a vida? O que é a morte? Este livro esclarece sobre como parte da humanidade original se apartou das leis divinas e ingressou no mundo do tempo e do espaço.

3ª ed. rev. - out. 2006 - 96 págs.

ISBN 85-88950-20-0



NÃO HÁ ESPAÇO VAZIO

J. van Rijckenborgh

Neste livro é apresentado um visionário quadro do cosmo, macrocosmo e microcosmo. As concentrações energéticas interplanetárias que estão se aglomerando ao redor do campo da Terra são simultaneamente uma ameaça e uma possibilidade de cura: com base em uma mudança de atitude, a conquista do espaço pode ser iniciada internamente, no núcleo do microcosmo, o coração de cada ser humano.

EDITORA ROSACRUZ

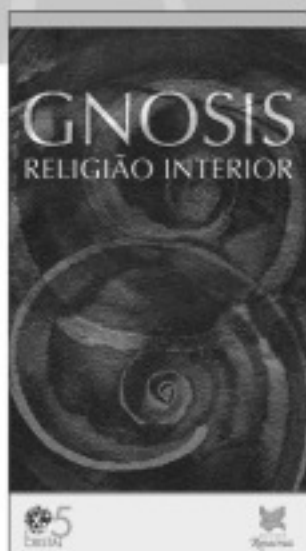
Caixa Postal 39 - 13.240-000 - Jarima - SP - Brasil

Tel (11) 4016.1817 - fax 4016.5638

www.editorarosacruz.com.br - info@editorarosacruz.com.br

2ª ed. rev. e cor. - out. 2006 - 80 págs.

ISBN 85-88950-37-5



GNOSIS, RELIGIÃO INTERIOR

Série Cristal 5

Gnosis como revelação dos mistérios, como revolução da alma e como fundamento do novo homem são alguns dos temas que brotam das páginas deste livro como fonte de luz que toca a alma humana.

Os livros da Série Cristal trazem textos destinados a mostrar a verdadeira finalidade da existência do ser humano.

Nessa perspectiva, *Gnosis, religião interior* pode servir como introdução para os que desejam dar os primeiros passos no caminho em espiral da vivência gnóstica.